



**GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GEOGRAFIA E CINEMA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO  
FILME *AMAZONAS, AMAZONAS* - DE GLAUBER ROCHA**

**HERLAN LEANDRO DE SOUZA MESQUITA**

**MANAUS – AM**  
**2019**

HERLAN LEANDRO DE SOUZA MESQUITA

**GEOGRAFIA E CINEMA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO  
FILME *AMAZONAS, AMAZONAS*, DE GLAUBER ROCHA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade do  
Estado do Amazonas para a  
obtenção do título de Licenciado  
em Geografia.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ana Paulina Aguiar Soares**

MANAUS – AM  
2019

**HERLAN LEANDRO DE SOUZA MESQUITA**

**Geografia e Cinema: uma análise geográfica do filme *Amazonas*,  
*Amazonas*, de Glauber Rocha**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof<sup>ª</sup>. Ana Paulina Aguiar Soares

---

1º avaliador: Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves

---

2º avaliador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vilma Terezinha de Araújo Lima

Manaus, 21 de novembro de 2019.

*Para minha filha Clarice, esposa Aldyane,  
meu Pai Hércules, minha Mãe Nette e a  
Professora Paulina.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente, a minha orientadora prof. <sup>a</sup> Dra. Ana Paulina Aguiar Soares, pelos incentivos, paciência e conselhos durante minha trajetória, desde a monitoria até a realização deste trabalho. Sempre me recebeu, auxiliou e esteve presente com dedicação. Meus sinceros e eternos agradecimentos.

Agradeço a minha companheira Aldyane e a minha filha Clarice, que me lembraram todos os dias para lutar, que estiveram do meu lado e me apoiaram em momentos difíceis. A elas todo meu amor.

Ao meu Pai Hércules, pelo imenso apoio, por toda ajuda e colaboração que recebi durante a graduação, sendo fundamental nesta caminhada, amo de todo meu coração.

A minha Mãe Nette, igualmente importante nesta caminhada, me aconselhou e esteve presente, amo de todo meu coração.

Agradeço ao Prof. Dr. Valdir Soares, coordenador do curso de Licenciatura em Geografia da Normal Superior- UEA, pelo apoio, disponibilidade em me receber e empenho em me auxiliar nos últimos meses de graduação.

Agradeço a banca, composta pelo Prof. Dr. Gustavo Soranz e a Prof.<sup>a</sup> Dra. Vilma Teresinha, pela inspiração, ensinamentos e orientações para o futuro.

Agradeço a todos meus professores do Núcleo de Geografia da Normal Superior - UEA, pelos anos de ensino, que contribuíram no meu desenvolvimento, pela amizade e pelas maravilhosas aulas.

Agradeço a Universidade do Estado do Amazonas, que foi minha casa por tantos anos, me acolheu.

Aos meus colegas de graduação, Arlan, Brenda, Mayara e Edailza pelos anos de amizade que se estenderam além da universidade.

*“Do banheiro a canção, o mais farto verão.  
Tudo isso me faz com que eu não te deixe  
Amazonas, Amazonas, Amazonas meu  
amor”.*

(Chico da Silva)

## RESUMO

O presente trabalho traz uma análise do documentário *Amazonas, Amazonas*, de Glauber Rocha, de 1965, exibido em Manaus e no restante do Brasil. Propomos uma análise social do documentário e sua aplicação como ferramenta metodológica em diferentes áreas do ensino de Geografia, especificamente seu uso em sala de aula. Abordamos a importância do seu conteúdo fílmico para o ensino de Geografia além de sugerir atividades metodológicas que podem auxiliar a compreensão do documentário e do contexto social amazônico e de seus elementos apresentados no filme. O trabalho teve como componente instigador a necessidade de buscar meios que se adequassem em aproximar o aluno do Cinema e da Geografia e seus objetos de estudo. Dessa forma foi possível elaborar a partir do conteúdo do documentário um pequeno guia de estudos e de atividades para serem aplicados em sala de aula, baseado em áreas de conhecimento do ensino de Geografia, numa abordagem interdisciplinar, mostrando como o cinema e o ensino de Geografia podem ser utilizados mutuamente como uma ferramenta de ensino aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Cinema e Geografia. Glauber Rocha. População Amazônica. Cinema e ensino da Geografia

## ABSTRACT

This presents work brings an analysis of the documentary *Amazonas, Amazonas*, by Glauber Rocha, 1965, displayed in Manaus and the rest of Brazil. We propose a social analysis of the documentary and its application as a methodological tool in different areas of geography teaching, specifically its use in the classroom. We approached the importance of its filmic content for the geographic teaching besides suggesting methodological activities that can assist the understanding of the documentary and the social contest of the Amazonian and its elements introduced in the film. The work had an instigating component the need to find ways that would bring students closes to cinema and Geography and their objects of study. Thus it was possible to elaborate from the documentary content a small guide of studies and activities to be applied in the classroom, based on areas of knowledge of Geography teaching, in an interdisciplinary approach, showing how cinema and Geography teaching can be used mutually as a learning teaching tool.

**Keywords:** Cinema and Geography. Glauber Rocha. Amazonian Population. Cinema and Teaching Geography

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema dos procedimentos metodológicos .....	17
Figura 2 - Cartaz de divulgação do filme <i>No Paiz do Amazonas</i> .....	22
Figura 3 - Esquema do Movimento Cinematográfico no Amazonas .....	24
Figura 4 - Glauber Rocha .....	26
Figura 6 - Cartazes dos filmes <i>Barravento</i> e <i>Deus e o diabo na terra do Sol</i> .....	27
Figura 7 - Dossel da floresta .....	37
Figura 8 - Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões.....	37
Figura 9 - Trabalhador manuseia peles de borracha processadas.....	41
Figura 10 - Casa abandonada, tomada por plantas daninhas.....	42
Figura 11 - Pacotes de juta sendo transportados no porto .....	44
Figuras 12 a e b - Fotos da Cidade Flutuante situada na frente de Manaus .....	45
Figura 13 – Encosta com erosões.....	46
Figura 14 - Terreno desmatado e com solo exposto.....	48
Figura 15 – Trabalhadores realizando atividades na encosta desmatada .....	48
Figura 16 - Fotograma do início da entrevista .....	48

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 0 min 38s ~ 01 min 16s .....	37
Quadro 2 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 01 min 36 s ~ 1 min 57 s .....	38
Quadro 3 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 02 min 17s ~ 02 min 37s .....	39
Quadro 4 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 05 min 12s ~ 05 min 38s .....	40
Quadro 5- Proposta de estudo sobre a narrativa em 07 min 38s ~ 08 min 11s .....	42
Quadro 6 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 07 min 38s ~ 08 min 11s .....	43
Quadro 7 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 11 min 52 s ~ 12 min 15 s .....	45
Quadro 8 - Proposta de estudo sobre o fotograma em 11 min e 10 s .....	46
Quadro 9 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 13 min 59s ~ 14 min 25s .....	47
Quadro 10 – Sugestão de estudos sobre Dinâmica da Mobilidade da Região Norte .....	50
Quadro 11 - Sugestões de estudo por temas abordados na entrevista .....	51

## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO .....	11
2. METODOLOGIA.....	14
3 – REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DA AMAZÔNIA NO CINEMA.18	
3.1 – Um breve histórico .....	18
3.2 - O cinema em Manaus .....	20
3.3 - O cinema de 1960 e Glauber Rocha.....	25
3.4 - A chegada de Glauber a Manaus de 1960 .....	27
4 - O DOCUMENTÁRIO <i>AMAZONAS, AMAZONAS</i> E O ENSINO DA GEOGRAFIA .....	33
4.1 <i>Amazonas, Amazonas</i> de Glauber Rocha uma análise fílmica e sua aplicabilidade no ensino.....	35
4.2 - A Entrevista como destaque para a dinâmica dos deslocamentos populacionais.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS .....	54

## INTRODUÇÃO

As produções cinematográficas, a partir da década de 1960, deixaram de ter uma concepção exclusivamente de entretenimento, e passaram a ser contempladas pelo seu valor informativo. O cinema produzido adotou uma abordagem mais crítica sobre os meios sociais, políticos e econômicos, além de apresentar um desejo, por parte de seus idealizadores, de enriquecimento cultural e educacional para a sociedade.

A intensa produção de documentários na Amazônia desempenhou um papel fundamental na construção das identidades dos povos da região, não somente em cargo da abundância de filmes lançados, mas também, pelo poder de verdade constantemente associado ao gênero.

Neste trabalho realizamos uma breve abordagem sobre Cinema na Amazônia e analisamos o filme *Amazonas, Amazonas* de Glauber Rocha, numa perspectiva da Geografia, abordando questões de população, e usando o filme para identificar áreas de competência da Geografia e sua aplicabilidade no Ensino de Geografia.

*Amazonas, Amazonas* é um documentário dirigido por Glauber Rocha, em 1965, e exibido em 1966, sob encomenda do governador do Amazonas, Arthur César Ferreira Reis, por meio do Departamento de Turismo e Promoção (Depro). O seu objetivo era expressar as possíveis potencialidades turísticas do Amazonas e atrair os olhares para a região. Foi a primeira produção em cores de Glauber Rocha e o seu primeiro curta<sup>1</sup> documental, junto com *Maranhão 66*, que serviram para angariar fundos para seu filme *Terra em Transe* de 1967.

O filme foi produzido durante o período do Regime Militar. A princípio teria uma abordagem de divulgação turística, mas ao chegar a Manaus, Glauber se depara com a estagnação econômica que Manaus passava desde o fim do ciclo da borracha.

---

<sup>1</sup> Curta-metragem é um filme de curta duração, com média de 15 a 30 minutos. O curta-metragem é, para todos os efeitos, um filme, uma forma breve de expressão audiovisual, com início, fim, unidade temática e com uma altíssima coerência e coesão interna. (NATIVIDADE, 2014 p. 1)

As questões que nos instigaram a realização deste trabalho foram: como documentário *Amazonas*, *Amazonas* representou a população amazônica? Como podemos empregar esse documentário e usá-lo no ensino de Geografia?

Com base nessas questões, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do documentário de Glauber Rocha voltada para ensino da Geografia, bem como realizar uma breve abordagem sobre Amazônia, cinema e ensino de Geografia, por fim demonstrar, a partir do documentário e das áreas de conhecimento da Geografia, roteiros de estudo e sugestões de atividades que possam auxiliar o professor em sala de aula.

A Geografia enquanto disciplina no Ensino Básico proporciona ao aluno a possibilidade de conhecer o espaço geográfico em seus aspectos físicos sociais, culturais e econômicos. Por isso, ela deve ser discutida em sala de aula por meio de ações pedagógicas que aproximem o aluno de seu objeto de estudo.

Dessa forma, é importante apontar alguns autores que foram importantes para nortear essa relação de cinema e/no Amazonas, são obras de Lobo (1994), Costa (1996), Bizarria (2007), Soranz (2009), que se dedicaram à análise e compreensão do cinema na sociedade. Também discutimos obras de Pontuschka *et al.* (2007), Martins (2013), Napolitano (2009), que nos auxiliaram na compreensão de metodologias que pudessem ser aplicadas no ensino de Geografia.

A metodologia deste trabalho incide em uma análise documental bibliográfica cujo enfoque visa análise e interpretação do cinema voltado ao ensino de Geografia. A partir daí foram elaboradas propostas e percursos para a realização de trabalhos em aulas de Geografia. Alguns dos objetos e conteúdos curriculares do ensino de Geografia foram identificados e a partir dessa seleção elaboramos sugestões metodológicas para realização desses trabalhos em sala de aula.

No terceiro capítulo abordamos um breve histórico sobre o conceito de Amazônia, citando algumas origens formadoras da ideia de Amazônia exótica e como essa relação serviu de inspiração para futuras produções cinematográficas na Amazônia. Apresentando alguns nomes e produções importantes na formação a história do cinema no Amazonas. Partindo do nosso ponto de estudo sobre a produção do

documentário *Amazonas, Amazonas* de Glauber Rocha, a chegada do cineasta, o contexto político e social do Estado do Amazonas e a veiculação do filme.

No quarto capítulo apresentamos uma análise do filme *Amazonas, Amazonas*, no qual realizou-se uma *minutagem* do filme, a fim de destrinchar o seu conteúdo e extrair informações contidas nele que possam ser utilizadas para atrair e explorar o poder de investigação dos alunos, em relação ao Amazonas e sua dinâmica de deslocamento populacional em sala de aula. Indicamos algumas sugestões metodológicas para serem realizadas em sala de aula, conforme os itens selecionados.

## 2. METODOLOGIA

Para conseguir a realização do objetivo proposto no estudo do filme *Amazonas, Amazonas*, de Glauber Rocha, adotamos uma abordagem crítica de base qualitativa. A metodologia deste trabalho tem como natureza aplicar através de uma análise fílmica propostas metodológicas em sala de aula sobre a relação do cinema com a Geografia.

Os procedimentos adotados são de caráter documental bibliográfico. Um estudo documental consiste em uma análise de tabelas, cartas, fotografias, atas, relatórios, filmes e obras de diversas origens. É uma importante técnica na pesquisa qualitativa, nela consultamos informações obtidas por outras técnicas. Segundo Gil (2008, p.51)

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico.

Uma análise bibliográfica consiste em uma seleção de dados primários e secundários, que podem ser obtidos através de livros, artigos, fotografias, filmes, cartas, entrevistas, revistas, áudios, no qual faremos uma revisão do material coletado a fim de embasar nossa pesquisa. Como explica Biolchini et al. (2007), análise bibliográfica é um instrumento para mapear trabalhos publicados no tema de pesquisa específico para que o pesquisador seja capaz de elaborar uma síntese do conhecimento existente sobre o assunto. Podemos entender como uma etapa de planejamento, levantamento de dados, análise de dados para se chegar aos resultados.

No contexto deste estudo, foi fundamental a revisão bibliográfica, que se constituiu no levantamento, seleção e análise de trabalhos acadêmicos, artigos, entrevistas, jornais da época, iconografia, livros e revistas que tenham abordagem sobre Cinema e Geografia, População Amazônica, Glauber Rocha, Cinema e ensino da Geografia. Segundo Marconi e Lakatos (2001) levantamento bibliográfico trata-se de toda pesquisa já publicada em forma de livros, revistas ou documentos eletrônicos. Para Severino (2000) trata-se de uma pesquisa apurada em todas fontes impressas a respeito de um assunto.

Apresentamos a ficha técnica do filme *Amazonas, Amazonas*. O filme é um documentário de curta-metragem, não-ficcional, lançado em Manaus em 1966, dirigido

por Glauber Rocha, com assistência de Rubens de Azevedo e trilha sonora de Heitor Villa-Lobos. O documentário foi encomendado e produzido pelo Departamento de Turismo e Promoções do Estado do Amazonas. É possível acessar pelo endereço do Youtube, referido na ficha.

Ficha Técnica do documentário *Amazonas, Amazonas*

**FICHA TÉCNICA**

Título: **Amazonas, Amazonas.**  
 Gênero: Documentário, Nacional.  
 Tempo de duração: 14:49 minutos  
 Ano de lançamento (Brasil): Manaus, Amazonas, 1966.  
 Direção: Glauber Rocha  
 Assistente de direção: Rubens de Azevedo.  
 Produtora: Departamento de Turismo e Promoções do Estado do Amazonas. (DEPRO)  
 Produtor: Luiz Augusto Mendes.  
 Assistente de produção: Edmilson Rosas.  
 Diretor de fotografia: Fernando Duarte.  
 Música: Heitor Villa-Lobos.  
 Película: 35mm  
 Categoria: Curta-Metragem, Não-ficção  
 Disponibilizado no Youtube pelo Canal Brasil em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=MvNgJ-Swhps>

Para o estudo do filme, realizamos a minutagem dos 14 minutos e 49 segundos do documentário. É importante ressaltar que Mendonça (2018), realizou uma *decupagem* do filme referido. A minutagem seria o registro das cenas de um filme por minutos; enquanto a decupagem, por sua vez, é uma técnica do cinema mais fina e aprofundada, que consiste em dividir as cenas de um roteiro em planos, sendo disposto desde o enquadramento das cenas, posições das câmeras, ângulos, imagens e diálogos (KREUTZ, 2019).

A partir da minutagem, destacamos algumas imagens e separamos alguns trechos da narração com objetivo de extrairmos alguns eixos temáticos do ensino de Geografia, dessa forma interagir com os alunos a respeito do filme e sugerir algumas práticas metodológicas em sala de aula. Segundo Nérice (1978, p.284), práticas metodológicas consistem em um conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino.

Selecionamos apenas alguns trechos narrativos e imagens para realizar indicações temáticas, conforme seu conteúdo. Algumas imagens não têm ligação direta com o conteúdo da narração, mas deixamos comentários a partir delas, que são suscitados pelo filme.

Com as passagens narrativas selecionadas, buscamos identificar qual área do conhecimento Geográfico poderia ser utilizada, visto que parte dos trechos destacados podem ter mais de uma abordagem a ser discutida. Dessa forma, além da sugestão metodológica, realizamos algumas perguntas, para cada narrativa, do qual os alunos poderão identificar elementos da temática geográfica contidos no documentário e assim discuti-los em sala.

Os procedimentos para o estudo do filme tiveram a seguinte dinâmica:

No primeiro momento foi pesquisada a ficha técnica do documentário de Glauber, em seguida assistimos o filme e verificamos detalhes contidos na película. Descrevemos o conteúdo da seguinte forma: a primeira com uma narração própria, descrevemos o que víamos no filme, sem seguida transcrevendo as narrações e destacando-as, e por fim extraíndo as imagens e transformando-as em figuras.

Iniciamos o capítulo de resultados, onde são feitas sugestões para a aplicação do filme em sala de aula, usando duas imagens do documentário: do dossel das árvores e do encontro das águas do Rio Negro e Solimões e identificamos em que momento do documentário as imagens são mostradas assim como o tempo em que elas aparecem no filme. As narrações também trouxeram seus respectivos tempos de apresentação. Seguimos a mesma disposição conforme cada quadro e imagens, algumas delas foram utilizadas neste trabalho. Essa disposição foi possível devido à elaboração de um fichamento do documentário contendo detalhes de imagens, narrativa e o tempo em que cada um era apresentado no filme, na ordem de apresentação do filme. Dessa forma foi possível destacá-los no trabalho, como forma de citação, no qual pudessem seguir uma sequência semelhante do filme.

Após a minutagem, extraímos da narrativa e enredo do filme alguns eixos temáticos que foram selecionados para abordagens de conteúdos geográfico, e que podem ser ajustados através de um roteiro de trabalho pelo professor e usado em sala de aula. Para melhor compreensão elaboramos quadros, contendo a narrativa de destaque, uma temática geográfica e, por fim, uma sugestão de atividade em sala de aula. Ao todo foram 9 quadros, dos quais 8 orientado por narrativas e 1 por um imagem/fotograma do documentário. Entendemos que cada conjunto pode ser trabalhado ao longo das aulas e ser explorado pelos alunos e professor.

Em síntese, este trabalho ficou disposto conforme a Figura 1: primeiro a minutagem, que serviu como seleção de imagens e uma transcrição da narrativa, a partir delas buscamos fontes teóricas para nos embasar sobre Cinema, Amazonas, População, Ensino de Geografia e Glauber Rocha. Posteriormente levantamentos de dados secundários, onde verificamos fontes mais específicas que se aproximassem do objeto de estudo, por fim a verificação de dados onde comparamos com nossas hipóteses e os resultados.

Figura 1 - Esquema dos procedimentos metodológicos



Organização: Mesquita, 2019

Apresentamos no capítulo a seguir, uma introdução acerca do cinema e a contextualização do documentário estudado, em sua época, seu diretor e acerca de seu impacto quando realizado.

### 3 – REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DA AMAZÔNIA NO CINEMA

O cinema é uma arte da era moderna, da qual a tecnologia consegue reproduzir sons e imagens em movimento, esse processo que permite a reprodução de filmes. Para Bazin (1958) “o cinema não é senão a instancia mais evoluída do realismo plástico”. Desde seu advento, o cinema possibilitou a inovações da arte.

Segundo Figurelli (2013 p. 116), Ricciotto Canudo no ano de 1911 publicou o *Manifeste des Sept Arts*, sendo o primeiro a atribuir o termo sétima arte para o cinema. Também é considerado o primeiro a iniciar a *teoria cinematográfica*, que consistia em teorias que atribuísem status de arte e o desvinculasse de outros fenômenos aos quais o público o associavam.

Dessa forma, o cinema passou a se desenvolver ao redor de inúmeros ramos da cultura popular e transformar a visão cultural e histórica das relações sociais e fenomenológicas. Essa transformação proporcionou mudanças e adaptações em conceitos novos e já estabelecidos.

Segundo Neves (2010, p. 136), os elementos que agregam o espaço não são conceitos restritos à Geografia, o cinema é uma das linguagens em que se usam seus conteúdos. É preciso compreender que alguns contextos históricos e sociais do mundo são exibidos pelo cinema, então consideramos que é preciso incorporar o cinema como uma ferramenta educacional pela Geografia. Oliveira Jr. (2005) afirma que os ambientes geográficos constroem os ambientes filmicos, por sua vez, compõem uma geografia do filme.

#### 3.1 – Um breve histórico

Amazonas, uma das origens desse termo foi atribuída ao navegador espanhol Francisco Orellana, no ano de 1542, supostamente, após embate com índias guerreiras que recordavam mulheres guerreiras das lendas gregas. A expedição narrada por Orellana e escrita por Frei Gaspar de Carvajal, no século XVI, a primeira a percorrer desde o Equador até a foz do rio Amazonas, sendo uma das inúmeras que ocorreram na região Amazônica. A lenda das Amazonas, do Eldorado, as cobras grandes, entre outras feras são alguns dos principais elementos que formaram conjunto exótico e mítico que

despertaram a curiosidade para o desconhecido da região Amazônica.

Segundo Langer (1997, p. 32), o período renascentista na Europa em meados do Séc. XIV até fim do XVI, trouxe o retorno da mitologia clássica através das artes. O simbolismo estava presente na literatura, na pintura e na arquitetura, houve inúmeras transformações culturais, parte dessas transformações foram avivadas pelos relatos dos viajantes que retornavam das terras descobertas.

Esses relatos, segundo Gondim (2007), eram carregados de fantasia e exageros que serviram para recheiar o imaginário europeu em relação a floresta, que ocasionou o deslocamento de numerosos viajantes em busca de riquezas, aventuras e do paraíso perdido.

Franco Jr. (1992) afirma que, a princípio, a primeira narração mítica da humanidade, seja a narrativa do paraíso perdido, com base bíblica. Essa concepção, possivelmente, tenha norteado o pensamento europeu na busca de uma condição de salvação, de um Éden. A concepção que permeava o imaginário europeu era de origem greco-romana no qual o tempo se passaria de forma cíclica e, em dado momento, todos retornariam ao paraíso prometido, o Novo Mundo dos relatos dos viajantes continham elementos que se encaixavam na percepção de paraíso perdido.

Segundo Mendonça (2018 p.17).), “A partir do século XVIII, os discursos sobre a Amazônia passaram por sutis modificações, especialmente devido à visão moderna dos naturalistas que percorreram a região a fim de estudá-la”

Alguns dos principais representantes desse período, foram naturalistas, cientistas, etnógrafos, segundo Bizarria (2007), sendo os mais conhecidos: Alexander von Humboldt (1769 – 1859), Aimé Bonpland (1773 – 1858), Koch-Grunberg (1872 – 1924), Tastevin (1890 – 1962), Stradelli (1883 – 1926), Curt Nimuendajú (1883 – 1945), Paul Marcoy (1815 – 1888), Henry Walter Bates (1825 – 1892), entre outros.

Para capturar a essência da Amazônia, os expedicionários que a percorreram utilizavam ferramentas para anotar detalhes paisagísticos e etnográficos. Desenhos, fotografias e filmes foram utilizados para enriquecer e reforçar o conceito de Amazônia, presente nos antigos relatos dos viajantes, moldando o entendimento amazônico, não apenas para o estrangeiro como para a própria população regional, que

ajudou a difundir o modelo de Amazônia atual. Como afirma Soranz (2009, p. 30), a representação exótica que prevalece no discurso do viajante, está também presente no discurso do nativo, sendo, portanto, processos de uma construção feita a partir de aproximações, apropriações e redefinições de leituras e conceitos.

Dessa forma, a interpretação da Amazônia ficou a cargo dos ouvintes através de um processo histórico que deu o contorno de identidade Amazônica, *forjada no estrangeiro*, segundo Gondim (2007).

### 3.2 - O cinema em Manaus

A partir da criação do cinematógrafo, pelos irmãos franceses Auguste e Louis Lumière, em 1896, a produção cinematográfica buscava mostrar ao público europeu, as novas imagens em movimento, novos lugares e paisagens. O glamour da borracha trouxe rapidamente a recente invenção para Manaus.

A realização da primeira exibição de cinema no Amazonas ocorreu no dia 11 de abril de 1897, no Teatro Amazonas. Segundo Costa (1996 p. 26), a recepção da nova invenção não agradou a elite de Manaus e quase passou despercebido pelos jornais locais, ganhando a primeira página de apenas um jornal, *O imparcial*, que publicou no dia 13 de abril que “*a invenção não trabalhou com perfeição*”

As novas exibições só ocorreriam em 1901, quando um novo cinematógrafo foi instalado na Avenida Eduardo Ribeiro, na Rotisserie Sport (COSTA 1996, p.28). Somente nesse período houve um interesse da população em relação ao cinema. Os primeiros filmes tinham duração de poucos minutos e a cada troca de rolo, a demora média era de 10 minutos, o que alongava as exibições.

No ano de 1904, o cinema mudo cede lugar ao som, as apresentações faladas foram introduzidas pela empresa Eduard Hervet, apresentando-se no Teatro Amazonas, de 18 março a 5 abril, com o *Cinematographo Fallante Lumière*, segundo Costa (1996, p.43).

Os espetáculos cinematográficos não possuíam espaço fixo, grande parte de suas exibições ocorriam no Teatro Amazonas, outras em hotéis, cafês e praças. Em

março de 1907 é inaugurado o *Casino Teatro Julieta*, sendo, propriamente, a primeira sala de cinema de Manaus, segundo Duarte (2017 p. 19).

A casa de espetáculos era, ao mesmo tempo, cassino, teatro e cinema, possuía 223 cadeiras, 24 frisas de 4 e 6 lugares, 27 camarotes de 4, 5 e 6 lugares. O camarote destinado ao governador teve a sua ornamentação executada em Paris nos grandes armazéns da Place de Clichy. O Cassino-Teatro funcionava na rua Municipal, hoje, avenida Sete de Setembro. Sua entrada principal ficava de frente para a Praça da Constituição, atual Heliodoro Balbi. A denominação Julieta foi uma homenagem à filha do engenheiro Lauro Baptista Bittencourt, dono do estabelecimento e o arquiteto responsável pela construção do prédio.

Em 17 de fevereiro de 1912, o Teatro Julieta reabre, após um período de reformas estruturais, com um novo nome de *Teatro Alcazar* (Fig. 2), sob gerencia da empresa *Luso Amazonense*. Em 1938 é novamente reinaugurado como *Cine-Teatro Guarany*, pela empresa *Cinema Avenida Ltda*. Outros cinemas da época eram *Cine Avenida* 1909, *Cine Polytheama* 1912, *Odeon* 1913, Duarte (2017, p.20).

Figura 2 - Interior do Teatro Alcazar, -Manaus , 1927



Fonte: Revista *Cá & Lá*, ano 2, nº 10, maio de 1917 (p.7)

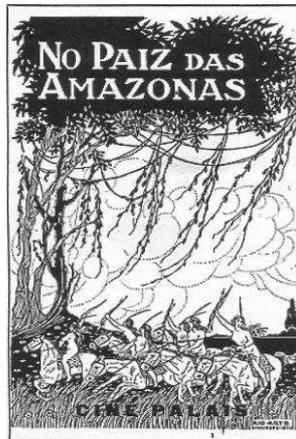
O cinema no Amazonas não ficou restrito a exibições de películas estrangeiras. As produções em território Amazônico seguiram o naturalismo. Segundo Bizarria (2007 p.31), “[...] em Manaus, no ano de 1907, a Empresa Fontenelle exhibe pequenos filmes realizados no Amazonas, denominada *Vista de Manaus*. Já em 1912, foram exibidos em Manaus filmes dos operadores de casa Raleigh & Robert, com os títulos *De Belém a Manaus; A passagem da linha equatorial a bordo do vapor Rio Negro e Uma viagem no Rio Amazonas*” Contudo, no ano de 1922 é produzido o documentário<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Segundo Stoco (2014, p.21), “a palavra documentário, começou a se estabelecer no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, sobretudo com a escola documental inglesa, embora já figurasse antes em um ou outro texto”.

*No Paiz das Amazonas*, longa-metragem, dirigido por Silvino Santos e Agesilau De Araujo, filho do J. G Araújo dono da empresa *Amazônia Cine Filme*, produtora responsável pela elaboração do primeiro longa-metragem *Ouro-Branco*, em 1918, onde ocorreram filmagens de Ji-Paraná e de propriedades ao longo do Rio Madeira, afirma Costa (1996, p. 116).

Silvino Santos, nascido em Cernache do Bonjardim, em Portugal 1886, chegou em Manaus em 1910. Silvino Santos junto com J. G. Araújo realizaram mais de 10 filmagens da região Amazônica, ele é considerado um pioneiro no gênero de documentário brasileiro. O longa-metragem *No Paiz das Amazonas* (Figura 3) é um divisor de águas no cinema do Amazonas, apresentado no Rio de Janeiro 1922 e no exterior 1922~1930.

Figura 3 - Cartaz de divulgação do filme *No Paiz do Amazonas*



Fonte: <https://www.cineset.com.br/silvino-santos-um-olhar-pioneiro-sobre-a-amazonia/>

Segundo Bizarria (2007, p. 33), “O filme se concentra nos processos de produção de produtos regionais e nas belezas naturais da Amazônia. O homem é tratado como uma parte do ambiente e está sempre associado às atividades econômicas”. Além disso, são apresentadas imagens da cidade de Manaus, produtos econômicos e viagens em direção ao alto Amazonas. Outras longas-metragens também são destaque *Terra Encantada*, *Vila Amazônia* e *No rastro do Eldorado*. Os filmes de Silvino, conforme Costa (1996, p. 176), “[...] foram reconhecidos como instrumentos eficazes de propaganda do Amazonas”.

Uma questão importante a ser comentada é o conceito de documentário. Não há um consenso definido sobre o conceito de documentário. Para muitos o documentário representa uma qualidade de verdade cinematográfica, proporcionando a representação de aspectos da realidade histórica da sociedade. Segundo Boneth (2016, p.22)

O documentário é o relato real de determinada história, onde o documentarista pode deixar sua opinião explícita. Os documentários podem ser de cunho ficcional, de relatos históricos, onde o autor reconstruiu uma história, pode ser contemporâneo, onde os relatos são mais recentes, ou evolutivo, onde o autor faz uma síntese do fato ocorrido em tempo pretérito.

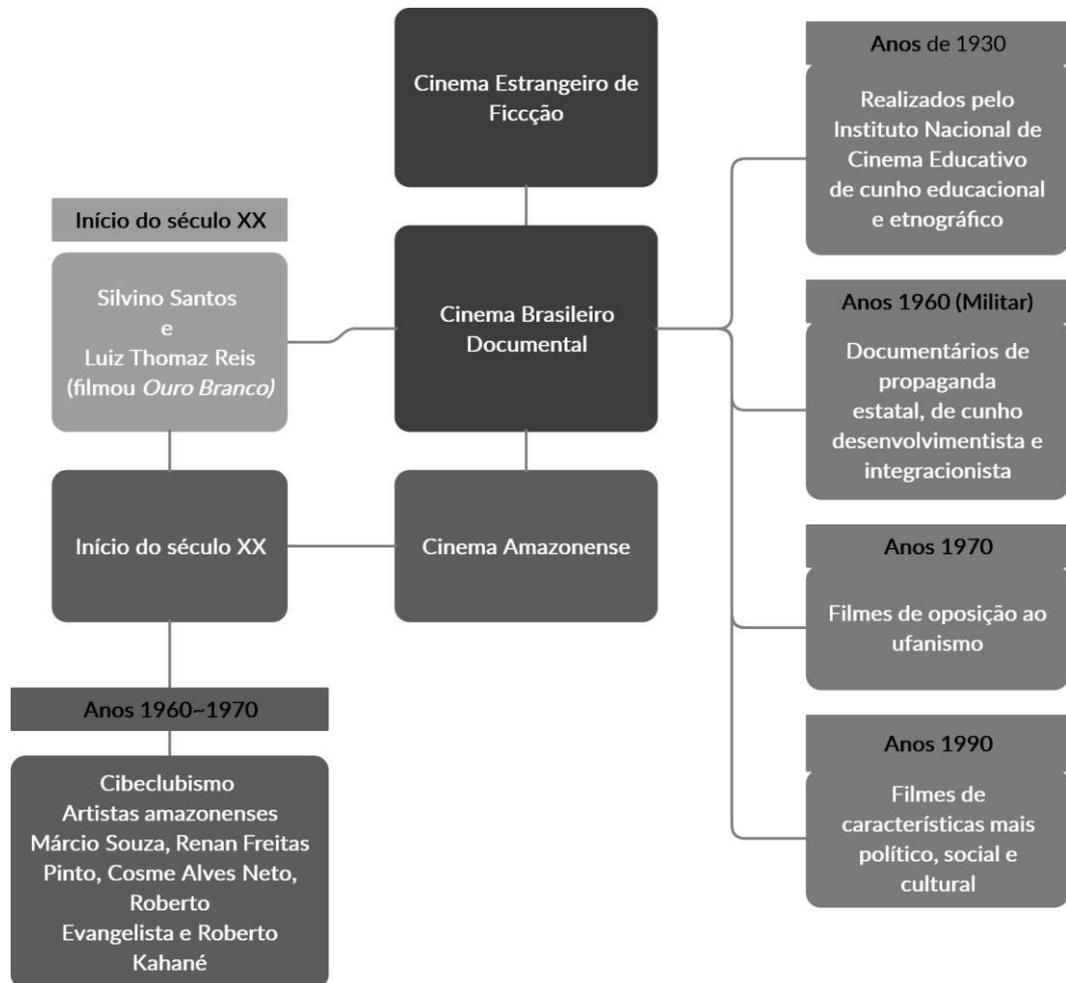
Para Ramos (2000), documentário é uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam. Sendo assim o documentário poderia ser compreendido como uma representação não ficcional, ou uma negação a ficção. Boneth (2016), comenta que todos os conceitos de documentário seriam sínteses construídas a partir da organização das ideias do autor, a fim de transmitir valores e conceitos em sua obra para os expectadores.

Dessa forma a solução seria transferir o “problema” do conceito para a subjetividade do expectador, que assistindo ao filme poderia extrair dele suas próprias conclusões, se localizar naquela realidade ou fazer paralelos com a mesma.

O documentário, também, possui questões técnicas que são empregadas em suas produções e em cada renovação tecnológica, o autor as utiliza em seus filmes. A utilização desses novos materiais, são reunidos como provas que buscam passar ao espectador a impressão de autenticidade, essa montagem é o que reforça o ponto de vista dos idealizadores.

Soranz (2009) divide o movimento cinematográfico no Amazonas em distintos períodos, do qual podemos destacar na (Fig. 4):

Figura 4 - Esquema do Movimento Cinematográfico no Amazonas



Fonte: Soranz (2009, p.126). Organização: Mesquita (2019)

Soranz (2009) destaca que houve um hiato de relevância entre as obras de Silvino Santos e Thomaz Reis<sup>3</sup>, até o cinema experimental da década de 1960. Porém ressalta que houve o grande fluxo de filmagens estrangeiras e nacionais em território amazônico, filmes com abordagens ficcionais carentes de aspectos histórico-culturais.

Segundo Salgado (2009), a década de 1950, em Manaus, foi marcada pela criação do *Cineclube Domingos Sávio*, por Márcio Souza, realizado no Colégio Dom Bosco. Também se destacam a *Crítica de Cinema*, na Rádio Rio Mar programa que

<sup>3</sup> Luiz Thomaz Reis foi um oficial engenheiro, cineasta, participou da missão de Cândido Rondon como cinegrafista em 1907~1915. Realizou filmagem no interior do Amazonas em 1917, no qual filmou *Ouro Branco* (MACIEL, 1998, p. 261).

tinha Ivens Lima como apresentador, e por fim o curso de cinema no Teatro Amazonas, criado em 1965 por Cosme Alves Neto e Ivens Lima.

Durante a década de 1960, houve uma diversificação do cinema. O cinema documental brasileiro é dividido em duas fases. Segundo Kreutz (2018), a primeira tem como enfoque as questões sociais: fome, violência, exploração econômica e política; a segunda fase tem início em 1964 com o *Regime Militar*. Durante esse momento há um desvio por parte do *Cinema Novo* referente à luta contra a opressão que não se concretizou. Parte dos diretores tentaram agradar mais aos críticos que ao público.

Por um lado, há uma intensa produção de documentários governamentais sob o argumento de se promover e integrar o Brasil, do outro ângulo, há uma produção de documentários etnográficos clássicos elaborados pela Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Conforme explica Soranz (2009, p. 65), “São filmes que, em sua maioria, mantêm uma abordagem expositiva sobre a realidade e, nesse caso, dado o interesse antropológico, retratam populações indígenas da Amazônia brasileira”.

Diversos setores sociais passam a defender esse veículo de informação. Instituições educacionais, religiosas e movimentos políticos que cooperariam com publicações diárias, artigos de revistas especializadas de cinema, como também em alguns livros publicados por teóricos ou educadores. Bizarria (2007) comenta que sob as lentes do INCE foram documentados mais de 300 filmes de caráter etnográfico e Amazônico, que foram usados como registros oficiais, de divulgação científica e preventivos e sanitários. Segundo Ramos e Miranda (2000), a produção de documentários de curta e média metragem, sob ótica do INCE tiveram uma produção ininterrupta de aproximadamente 20 anos.

Nesse aspecto não há como deixar de lado, a importância do INCE para o cinema brasileiro, bem como sua contribuição com inventivos e produções de documentários etnográficos e educacionais, diferenciando-se do cinema de propaganda e de entretenimento.

### 3.3 - O cinema de 1960 e Glauber Rocha

O cinema brasileiro de 1960, foi marcado pelos movimentos e clubes de cinema, determinados em atribuir uma nova cara as produções cinematográficas

brasileiras, se desvinculando do modelo norte-americano, dentre eles estava o *Cinema Novo*. Kreutz (2018) comenta que “o Cinema *Novo* foi um movimento que surgiu como uma resposta ao cinema tradicional que fazia sucesso nas bilheterias brasileiras no final da década de 1950, um cinema que basicamente se resumia a musicais, comédias e histórias épicas no estilo hollywoodiano, o objetivo era combater o industrialismo cultural e a alienação das populares chanchadas [...] buscando uma arte engajada, movida pelas preocupações sociais e enraizada na cultura brasileira.”.

O Brasil passava por um contexto histórico e político conturbado, dividido por um forte conservadorismo em contraponto à uma população jovem com desejos de mudanças, movimentos intelectuais, estudantis, artísticos e culturais cresciam por todo Brasil. Seus principais expoentes são Gustavo Dahl, Paulo César Saraceni, Joaquim Pedro de Andrade e Glauber Rocha como seu idealizador. Além das questões sociais e críticas ao cenário que o Brasil percorria, havia o desejo de mudança do modelo de cinema realizado, considerado ultrapassado. Pretendia-se atribuir características mais críticas e nacionais. Em uma carta escrita por Glauber para Gustavo Dahl, ele expressa a seguinte frase “Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo, a problemática do Brasil é nova, nossa luz é nova e por isso nossos filmes nascem diferentes dos cinemas da Europa [...] Queremos fazer filmes antiindustriais” (Rocha,1962, apud VIANNY 1999, p.29).

Figura 5 - Glauber Rocha



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/glauber-rocha>

Para Glauber, havia certa problemática em relação a viabilidade econômica dos seus filmes. Cardoso (2011, p. 31), aponta três direções que Glauber manteve em pauta:

[...] a primeira, mantendo a convicção de que uma nova linguagem exigia uma nova pedagogia das imagens, capaz de retirar o espectador da passividade do cinema norte-americano; a segunda, defendendo uma política de Estado que protegesse o cinema nacional contra a voracidade de Hollywood; e, finalmente, uma terceira frente que o conduzia às estratégias no mercado cinematográfico.

Glauber Rocha, nasceu no dia 14 de março de 1939, em Vitória da Conquista, na Bahia e morreu no dia 22 de agosto de 1981, no Rio de Janeiro, vítima de uma septicemia devido agravamento de uma broncopneumonia. Foi jornalista, escritor, diretor e crítico de cinema, seu nome foi delineado como uma grande promessa no cinema nacional a partir da década de 1960. Reconhecido mundialmente, durante sua carreira produziu mais de 10 longas-metragens (CINEMATECA BRASILEIRA 2018). Seu primeiro filme de repercussão foi *Barravento* de 1962 (Figura 5 a), premiado no Festival de Karlovy Vary, na República Tcheca. Mas sua ascensão nacional foi fruto de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de 1964 (Figura 5 b) sucesso de crítica, concorreu ao prêmio *Palma de Ouro* no Festival de Cannes de 1964.

Figura 2 - Cartazes dos filmes *Barravento* e *Deus e o diabo na terra do Sol*



Fonte: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/tag/glauber-rocha/>

Filmado na Bahia, numa comunidade pesqueira, na praia de Buraquinho. *Barravento* de 1962, teve como roteirista e diretor original Luiz Paulino dos Santos, o longa representaria, a princípio, um drama praieiro, na qual uma moradora local de apaixonaria por um negro recém-chegado na localidade e juntos fugiriam para Salvador, na trama ela iria se prostituir. Após problemas e atrasos no início das filmagens, ainda, em 1959. Luiz Paulino é afastado e Glauber Rocha, então produtor

executivo, assume a direção do filme, Glauber realiza alterações no roteiro e no elenco, segundo Fressato e Nóvoa (2011, p. 71), essas alterações baseavam-se nas memórias de Glauber e no seu instinto. As mudanças no roteiro resultaram num enfoque sobre fome, violência e exploração da população negra da comunidade pesqueira pelo dono das redes de pesca.

Glauber sempre apresentou como um dos seus objetivos principais nos seus filmes, conceber os problemas sociais, e assim contribuir com reflexões políticas e estéticas sobre a situação dos pobres. Para retratar esses problemas o cineasta recorreu ao apoio de materialistas históricos e às ciências sociais (SILVA JUNIOR 2015, p. 55).

*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de 1964, foi gravado em Monte Santo, Salvador, Feira de Santana e Canudos na Bahia. Dirigido por Glauber Rocha, é considerado um marco do cinema novo. O longa-metragem narra a história do personagem Manuel, um vaqueiro que se revolta contra a exploração imposta pelo coronel Moraes e acaba assassinando-o numa briga. Manuel passa a ser perseguido por jagunços, Manuel foge com sua esposa Rosa. A princípio o longa se chamaria *A ira de Deus* e contaria a história de *Corisco*, um cangaceiro que liderou o *Cangaço* após a morte de *Lampião*. Segundo Monzani (2005) ao todo foram sete roteiros e adaptações até a versão de lançamento, todos provenientes de manuscritos de Glauber Rocha.

#### 3.4 - A chegada de Glauber a Manaus de 1960

Com início do Regime Militar no Brasil, foram criadas agências para regulamentar e incentivar a produção cinematográfica brasileira. A primeira foi o Instituto Nacional de Cinema (INC) em 1966 e a empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (EMBRAFILME) em 1969. No Amazonas a política de integração abrangeu uma série de obras de infraestrutura e intervenções na região a fim de modernizar e desenvolver a região. Para Miranda (2018) o cinema e a imprensa representavam um organismo de reprodução, disseminação e fortalecimento das representações da Amazônia.

No dia 1.º de abril de 1964, ocorre o golpe militar que encerra o governo do presidente João Goulart, dando início ao Governo militar do presidente Castelo Branco que indica Arthur César Reis para o Governo do Amazonas (1964 – 1967). Pacheco (2009) sustenta que sua nomeação para o Governo do Estado em 1964 resultou de certo

grau de prestígio que desfrutava diante os meios intelectuais e institucionais brasileiros, e que sua produção intelectual simpatizava com aos planos que seriam realizados na região Amazônica pelos militares.

Arthur Reis era professor historiador, intelectual e político, escreveu diversas obras sobre a Amazônia, era um intelectual reconhecido internacionalmente. Segundo Salgado (2009, p. 163), ficou na tarefa de Arthur Reis o cargo de reinserir o Amazonas no mapa turístico do Brasil, elaborou um plano para incluir Manaus como um ponto turístico, exaltando suas belezas naturais, gastronômicas, de lazer e econômicas.

Dessa forma, pode-se compreender que Arthur Reis é reconhecido como um grande apoiador e incentivador de movimentos culturais e artísticos, em um período de repressão militar forte, artistas locais tinha acesso direto a ele, pois ele participava de eventos, exposições onde acompanhava os movimentos intelectuais na cidade, no governo de Arthur Reais houve o primeiro *Festival de Cinema Amador*.

Segundo Lobo (1994) o *Cinema Novo* assumia aspectos de revolução no Brasil e influenciados pelas reuniões de *Cine Clubismo* no Brasil os entusiastas e cineastas amazonenses enviaram obras para Arthur Reis que apoiou e participou dos eventos relacionados ao cinema, convidando o cineasta Glauber Rocha para realizar um documentário sobre a região, a sugestão havia partido do diretor do Departamento de Turismo e Promoção (DEPRO). Segundo Mendonça (2018, p. 54),

Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto, que havia sugerido em carta ao governador Arthur Reis, em setembro daquele ano, a realização de um documentário com o objetivo de divulgar os “aspectos turísticos e econômicos” do Amazonas. Para ele, o investimento se justificava porque o cinema possuía um poder de divulgação e penetração maior que qualquer outra ferramenta de propaganda disponível, podendo sensibilizar com mais rapidez plateias de todo o mundo para as belezas e potenciais do Estado.

A esse respeito comenta-se em uma entrevista<sup>4</sup>, no anos de 1986, entre um grupo de estudos sobre cinema na década de 1960, que contou com a presença diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Cosme Alves Netto, do cineasta Ivens Lima, o radialista Joaquim Marinho e dos professores Selda Vale da Costa e Narciso Júlio Freire Lobo. Há uma longa conversa na qual Marinho comenta

---

<sup>4</sup> Entrevista publicada no final do livro “No rastro de Silvino Santos” (COSTA, Selda Vale da & LOBO, Narciso Júlio Freire, 1987 pp. 71 a 146).

que em 1965 o então diretor do DEPRO, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, teve a ideia de fazer um filme a respeito do Amazonas.

Tínhamos ligações com Paulo Gil Soares, que estava naquela época vindo até aqui, e aí se contrata o Glauber. Foi quando ele veio aqui, e houve uma sessão famosíssima, onde ele fez um debate, [...] ele fez o papo lá sobre cinema, realizou o filme “Amazonas, Amazonas” que passou aqui mais de dois meses. (MARINHO apud COSTA, 1986)

Naquela mesma época, a produtora J. Borges Filmes Ltda, veio a Manaus para realizar a filmagem sobre obras que estavam sendo realizadas na capital e no interior do Amazonas e documentários visando o turismo na região. Segundo Lobo (1994, p. 120), apesar de ter sido um governador indicado pelos militares, foi a partir do governo de Arthur Reis que a relação com o cinema foi estreitada, além do financiamento o Estado cedia lanchas, material e apoio logístico, mas sem interferir como produtor

O Amazonas vivenciava um período eufórico, o Festival Folclórico agitava a região, Lobo (1994) comenta que foi o evento popular mais documentado de Manaus até 1964. O festival produziu cenas de cunho populista ao redor de figuras políticas entre 1956 e 1964.

A chegada do cineasta Glauber Rocha, segundo Alvim (2018), teve provavelmente a influência do escritor e cineclubista amazonense Márcio Souza. Os dois trocaram correspondências em 1960, nas quais Glauber admite o desejo de conhecer o Amazonas. Glauber chega em Manaus, no dia 14 de dezembro de 1965. Um mês antes ele havia sido preso, após protesto com cartazes com palavras de ordem em frente do Hotel Gloria, onde era realizada a Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA). Havia a presença de políticos e do presidente Castelo Branco, no total foram 8 presos, dentre eles: Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Thiago de Mello, Jaime de Azevedo Rodrigues, Flavio Rangel, Joaquim Pedro de Andrade, Mário Carneiro e Glauber Rocha (CONY, 2004). Segundo Lobo (1994), a prisão dos intelectuais pelo governo militar, causou mal-estar entre artistas e intelectuais estrangeiros que através de telegramas manifestaram insatisfação com o episódio. Juracy Magalhães, Ministro da Justiça, naquele período, propôs a liberdade de todos envolvidos no protesto caso prometessem desistir de realizar manifestações hostis contra o governo, mas o que ficou evidenciado foi tática de cooptação dos militares para absorver os intelectuais ao seu favor.

Em Manaus, existia bastante expectativa, ao redor da figura de Glauber, principalmente pelo seu filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964). A presença do cineasta estimulou o *Clube da Madrugada*<sup>5</sup> a programar um evento na Praça da Polícia para comemorar os setenta anos do surgimento do cinema em Manaus. (LOBO. 1994, p. 125). Glauber preocupava-se com a expectativa depositada sobre ele e admitia ter aceitado o empreendimento sem conhecer nada sobre o Amazonas. Segundo Alvim (2018),

Glauber esclarece que, embora não pretendesse fazer um tratado socioeconômico e indicasse a sua pouca disposição para fazer um documentário institucional turístico, pretendia mostrar o Amazonas mítico (“selvagem e lendário”), num contraste entre passado e presente, que despertaria algum interesse. (2018, p. 3).

O documentário foi realizado entre dezembro de 1965 e janeiro de 1966. E teve sua estreia em março de 1966, no Cine Avenida, sem a presença de Glauber Rocha, que após o fim de *Amazonas*, *Amazonas* recebeu a tarefa de realizar outro documentário, no Maranhão, sobre a posse do Governador, populista, José Sarney (1966 – 1970).

Lobo (1994) afirma que o conceito de Amazonas que Glauber tinha em mente era um *mito devidamente esculpido*, no final era um documentário oficialista com uma narração de cunho ideológico que mostrava uma elite local que se sentia abandonada pelo resto do Brasil. Apesar de se portar como crítico, em suas produções, Glauber não fez críticas contundentes em *Amazonas*, *Amazonas*, nem mesmo aquelas características do Cinema Novo, constituindo-se apenas em um filme propaganda, tal como lhe fora encomendado. Marcio Souza (1967), com quem Glauber havia trocado correspondências, também não gostou de como Glauber havia conduzido o documentário. Para ele “o desejo excessivamente vivo de apanhar a região em sua verdade, mostra claramente de como não se fazer cinema na Amazônia”.

Após rodar o filme no Amazonas, Glauber realiza o documentário *Maranhão 66*, que teve elementos que forneceram material para realização do seu filme *Terra em transe* (1967) sendo mais bem recebido pela crítica quando comparado ao

---

<sup>5</sup> Clube da Madrugada foi um movimento modernista de Manaus, com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. (TUFIC apud PÁSCOA, 2017 p. 47)

documentário realizado no Amazonas. (LOBO 1995, p. 132).

*Maranhão de 66* é um curta-metragem, filmado e lançado no mesmo ano de *Amazonas, Amazonas*. Realizado no Maranhão, o documentário foi encomendado por José Sarney, recém-eleito governador, para filmar sua posse.

Segundo Sarney (1981),

Tomara eu posse no Governo do Maranhão e fiz uma ousadia que não deveria ter feito com um amigo da estatura de Glauber Rocha. Eu lhe pedira que documentasse a minha posse. Glauber fez o documentário que foi passado numa sala de cinema de arte, há 15 anos. E quando o público viu que uma sessão de cinema de arte ia ser passado um documentário que podia ter o sentido de uma promoção publicitária, reagiu como tinha que reagir. Mas aí, o documentário começou a ser passado, e quando terminaram os 12 minutos o público levantou-se e aplaudiu de pé, não o tema do documentário, mas a maneira pela qual um grande artista pôde transformar um simples documentário numa obra de arte: ele não filmou a minha posse, ele filmou a miséria do Maranhão, a pobreza, filmou as esperanças que nasciam do Maranhão, dos casebres, dos hospitais, dos tipos de ruas, e no meio de tudo aquilo ele colocou a minha voz, mas não a voz do governador. Ele modificou a ciclagem para que a minha voz parecesse, dentro daquele documentário, como se fosse a voz de um fantasma diante daquelas coisas quase irreais, que era a miséria do Estado. (Jornal do Brasil - 25 de agosto de 1981 apud EMBRAFILME 1985, p.22).

Sarney, em seu primeiro mandato, certamente, isenta-se das questões sociais do Maranhão, dessa forma, possivelmente, se apropria do documentário de Glauber Rocha, e o usa como discurso político. As disposições das imagens do filme, mostrando a miséria, fome e a precariedade, em sintonia com o discurso de Sarney, podem ser vistas como uma colaboração para a imagem de Sarney, transformando-o em um possível herói que mudaria a realidade do Maranhão.

Naquele mesmo ano de 1966, a J. Borges Filmes, o *Clube da Madrugada*, TV ACrítica, Rádio Rio Mar realizam o *Festival de Cinema Amador do Amazonas*, em Manaus. Todos filmes concorrentes eram documentários, no total sete filmes concorreram. Os filmes vencedores do festival foram *Carniça* (1966), de Litaif; *Um Pintor Amazonense* (1966), de Felipe Lindoso; e Roberto Kahané e *Harmonia dos Contrates* (1966), de Ivens Lima (LOBO, 1987, P. 186). Segundo Durango (2017) “o festival teve apenas essa edição” (p.53). Segundo Soranz (2009), o *Clube da Madrugada* teve início em meados da década de 1950, formado por artistas, escritores e intelectuais do Amazonas, foi essencial para modernizar os conceitos de arte e

literatura produzidas no estado, além de constituírem o primeiro Grupo de Estudos Cinematográficos.

As relações que abarcaram todo contexto histórico e social do Amazonas no governo de Reis, auxiliaram no desenvolvimento e na consolidação do cinema na região. Ocorreram circunstâncias favoráveis para a realização do documentário de Glauber Rocha, no Amazonas. O desejo do cineasta, a amizade com Marcio Souza e outros cineclubistas, a disposição do Governador Arthur Reis e as políticas de turísticas e de propaganda da região foram fundamentais para a realização.

No próximo capítulo, tratamos da relação entre Geografia e cinema, e apresentamos os eixos temáticos selecionados no filme, seguidos de propostas de apontamentos metodológicos para o uso didático do documentário estudado, em sala e algumas indicações bibliográficas

#### **4 - O DOCUMENTÁRIO *AMAZONAS, AMAZONAS* E O ENSINO DA GEOGRAFIA**

O cinema é uma importante ferramenta de expressão artísticas na sociedade. Por meio dos filmes é possível conduzir o expectador a diferentes interpretações de uma realidade longínqua ou atual. Segundo Pereira e Silveira (2009), os distintos contornos das imagens do cinema podem refletir e antecipar os diferentes contextos de épocas. Mostrar as angústias, os medos, os desejos e os sonhos de uma determinada sociedade.

Diante desse contexto, o cinema se torna um importante meio de comunicação áudio visual para a sociedade. Quando empregado com o ensino da Geografia, é possível fazer uma abordagem histórica, social, espacial, econômica, política entre outras. A esse respeito, como afirma Martins (2013, p. 1), “podemos acrescentar que o ensino de Geografia propõe o entendimento do espaço geográfico produzido/reproduzido como produto histórico constituído por relações sociais, num determinado tempo e lugar”

O documentário *Amazonas, Amazonas* de Glauber Rocha, possui elementos que podem ser decompostos e captados no ensino da Geografia para compreensão das relações políticas, populacionais, históricas e ambientais da cidade de Manaus em 1960. David Harvey (1999, p. 277) explica que “dentre todas as formas artísticas, o cinema tem talvez a capacidade mais robusta de tratar de maneira instrutiva de temas entrelaçados do espaço e do tempo”.

Nessa questão, ao utilizarmos o documentário de Glauber em sala de aula, teremos em mãos uma ferramenta, possivelmente pouco explorada, rica em contexto histórico e dinâmica para a realização de atividades. Além disso mostramos figuras que representaram o cinema no Amazonas e no Brasil e trouxeram uma gama de contribuições para a formação do cenário cinematográfico atual.

Vale ressaltar que dos gêneros filmicos, o documentário traz consigo, uma questão informativa, com caráter mais sério, quando comparado a filmes mais comerciais. Segundo Napolitano (2009, p. 30), “documentários representam um dos gêneros de filme mais utilizados pelo professor em sala de aula e nos projetos escolares, pois eles oferecem muitas possibilidades para o trabalho pedagógico”

A utilização dos filmes em salas de aula pode ser um grande recurso didático para a aprendizagem, tornando-a numa metodologia enérgica e atrativa, capaz de tornar as aulas mais expressivas.

Para Pontuschka *et al.* (2007, p. 265), os recursos didáticos são mediadores do processo de aprendizagem e, sendo empregados corretamente, contribuem no processo de aprendizagem dos alunos, contribuindo para uma melhor compreensão dos conteúdos de Geografia.

O cinema quando utilizado em sala de aula desenvolve a capacidade de observação dos alunos e foge da tradicional “lousa e giz”. A mudança no rumo da sala causa uma transformação no cotidiano dos alunos. O filme pode contribuir para desenvolver a capacidade de reflexão e crítica dos alunos, permite maior facilidade de memorização e, principalmente, de interpretação do conteúdo, torna a aula mais aprazível e a aprendizagem mais efetiva e significativa. Como afirmam Vacarin *et al.* (2013, p. 5)

Atividades didáticas distintas, complementam o binômio “lousa-giz”, e potencializam o aprendizado da Geografia pelos alunos, pois permitem-lhes visualizar aspectos abstratos relacionados ao espaço geográfico, além de favorecer a assimilação e a compreensão ao se utilizar de outras linguagens e mobilizar diferentes tipos inteligências dos aprendizes.

O documentário de Glauber Rocha é um curta-metragem que possibilita ser apresentado em sala de aula, em uma sequência de aulas, assinalando etapas que possam trazer reflexões e despertar curiosidade nos alunos. Pontuschka *et al.* (2007) defende que a linguagem do cinema deve ser adicionada como uma ferramenta de registro e representação, seja no seu uso voltado para o Ensino de Geografia, seja na análise geográfica dos filmes, ou mesmo como forma de documentação de vários processos estudados pela Geografia.

A Geografia é uma ciência dinâmica que se estabelece por meio das inter-relações da sociedade e da natureza que são configuradas no cotidiano. Para Duarte (2009), filmes não são acontecimentos isolados, partem da premissa de símbolos culturais, de mitos, crenças, valores, e práticas sociais das diversas narrativas orais, escritas ou audiovisuais.

A relação Geografia e cinema são perfeitamente consoantes, permitem contextualizar diversas áreas, o recurso tecnológico as torna atraente. Para Messias e Bezerra (2018, p. 333), “A Geografia constitui-se de uma ciência rica e repleta de conceitos que possibilitam entender e se relacionar melhor em sociedade a partir da sua leitura de mundo”. Nesta perspectiva, o filme é visto como uma leitura de mundo na ótica do seu diretor.

O professor necessita estar a serviço da investigação e da criticidade. O professor pode usar o filme para a leitura e análise do espaço geográfico e das transformações socioespaciais. Desta maneira, o cinema possibilita, nas aulas de Geografia, a visualização de diferentes paisagens, territórios e realidades sociais, ou seja, proporcionaram imaginar o mundo e compreendê-lo em suas constantes transformações.

Para Fioravante e Ferreira (2016, p.19), “A maior contribuição dos geógrafos que se engajaram com as discussões acerca do ensino dos meios de comunicação na Geografia está relacionada com a ideia de visualidade”. As produções cinematográficas podem auxiliar na aquisição e fixação de conhecimentos de determinadas áreas geográficas. Muitas são as formas metodológicas que podem ser utilizadas na sala de aula, tornando-se um instrumento didático dinâmico e atrativo para os alunos.

A seguir, apresentamos partes narração e imagens do filme *Amazonas, Amazonas*, com trechos de transcrições referidas à minutagem, assim como comentários acerca do filme e sugestões metodológicas para o Ensino de Geografia.

#### 4.1 *Amazonas, Amazonas* de Glauber Rocha uma análise fílmica e sua aplicabilidade no ensino

Foram selecionados alguns dos trechos do filme *Amazonas, Amazonas*, identificamos uma área da Geografia e extraímos um conteúdo temático. A partir deles elaboramos uma sugestão pedagógica para ser usada em sala de aula pelo professor.

A primeira passagem do documentário o narrador lê um trecho (Quadro 1) do registro Gaspar de Carvajal, da viagem de Francisco de Orellana, realizada em 1542.

Quadro 1 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 0 min 38s ~ 01 min 16s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“O Negro encontra o Solimões, duas águas desembocam numa só, grandes águas, grande rio que descobri em 22 de julho de 1542, em missão do rei espanhol. Eu, Francisco de Orellana, enfrentei o desconhecido, dei combate a índios, de longos cabelos, que lembravam mulheres guerreiras de outras lendas, vencido os perigos, batizei a conquista: Amazonas, Amazonas!”</p> <p>(0 min 38s ~ 01 min 16s)</p>	<p><b>Geografia Humana da Amazônia</b> (Estudo da Ocupação da Amazônia)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem foi Orellana?</li> <li>• Qual a relação das expedições na Amazônia com a formação e ocupação do espaço Amazônico?</li> <li>• Quais processos de ocupação ocorreram na Amazônia e em quais contextos políticos?</li> </ul> <p><b>Elaborar um Quiz com perguntas e respostas, sobre a ocupação da Amazônia a partir da colonização.</b></p>

Nos primeiros fotogramas pode-se observar uma vista aérea do dossel da floresta (Fig 7) e do encontro das águas do Rio Negro com o Solimões (Fig 8), com uma trilha sonora com tom de mistério, que segundo Mendonça (2018) trata-se da obra o Uirapuru de Villa-Lobos. O tom de mistério adotado pode representar a Amazônia do imaginário, que Gondin (2007) afirma serem conceitos construídos a partir do contato do europeu com a Índia e o Oriente, representados na historiografia greco-romana e nos relatos de viajantes e comerciantes.

Figura 3 - Dossel da floresta



Fonte: *Amazonas, Amazonas* – Fotograma em 27 s

Fig. 4 - Encontro das Águas do Negro e Solimões



Fonte: *Amazonas, Amazonas* – Fotograma em 38s

Quando analisamos a trajetória de Orellana podemos compreender a origem e ocupação da Amazônia e a produção do espaço geográfico que ocorreu posteriormente. Um roteiro pode ser utilizando com perguntas para auxiliar, a leitura e interpretação dos aspecto histórico-geográfico, até a aplicação da sugestão metodológica.

Em seguida, são mostradas imagens de uma cachoeira, do céu e do interior da

floresta, das árvores, os raios de sol infiltrados por entre a mata fechada. A imagem segue um ângulo no qual há apenas árvores e o canto dos pássaros, a trilha sonora fica mais suave. No Quadro 2, destacamos o que enuncia o narrador:

Quadro 2 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 01 min 36 s ~ 1 min 57 s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“Inferno verde, paraíso verde! Eis a clássica Amazônia onde se pensa no passado, nas cobras gigantes, nos peixes mágicos, no mundo exótico criado pelos primeiros viajantes, cuja imaginação se exaltou diante das terras descobertas pela Espanha e que mais tarde passaram a integrar o reino de Portugal”.</p> <p>(01 min 36 s ~ 1 min 57 s)</p>	<p><b>Geografia Humana</b> (Formação Territorial do Brasil)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais conteúdos do ensino da Geografia podem ser identificados nesse trecho do filme?</li> <li>• Qual a origem da formação do território brasileiro?               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual contexto político possibilitou que as terras do território brasileiro, anteriormente da Espanha, passassem a ser de posse dos portugueses?</li> </ul> </li> </ul> <p><b>Elaborar uma Gincana: contextualizar a sala de aula como território e dividir os alunos que representarão os povos europeus ocupando o território.</b></p>

Desde o século XVI ao início do XX sucederam-se diversas expedições na Amazônia. Muitos viajantes buscaram riquezas na floresta, crentes em relatos de outros aventureiros e acabavam tendo suas vidas ceifadas pelo desconhecimento da região. *Inferno Verde* (1908) e *Paraíso Verde* são alusões a obras literárias do século XX, de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, em seus contos há narrativas que abrangem desde morte, conquistas, perdas, viagens, trabalho na floresta, terras, descobertas. Há analogias em que a floresta seriam um deserto, devido a sua improdutividade, além de personificar a mesma como um ser consciente e com desejo.

Seguem-se: a trilha tem um toque de viola, com imagens de uma revoada de pássaros sobre uma área alagada até o ápice de trilha mais angustiante. O discurso do narrador (Quadro 3) passa a ser atualizado para a época do filme:

Quadro 3 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 02 min 17s ~ 02 min 37s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“O Amazonas que conhecemos é outro. O Amazonas de hoje, maior estado do Brasil, onde o homem já fixou suas raízes e luta para desenvolver sua civilização, onde o homem, transformando árvores em casas, busca uma cultura a partir das condições especiais do meio”.</p> <p>(02 min 17s ~ 02 min 37s)</p>	<p><b>Geografia Regional</b> (Características da Região Amazônica)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como o homem da região Norte do Brasil vive inserido/ adaptado no/ao ambiente?</li> <li>• Como você percebe a relação homem-natureza, no Amazonas? Na sua concepção é uma relação saudável?</li> <li>• Explique: como a dinâmica dos rios, influenciam na vida das populações ribeirinhas?</li> </ul> <p><b>Elaborar um exercício “Causas e Consequências”. Os alunos terão cartas com uma ação humana e farão a ligação com quadro com consequências que ação humana influencia no meio.</b></p>

Esse comentário, do narrador, pode ser interpretado como tendo sido empregado no sentido de que os povos da Amazônia não tinham ambições, um povo pacato que, possivelmente desconhecia, outras realidades e estavam sujeitos a viver pela dinâmica da natureza. A partir daí ocorre uma mudança na visão que se tem sobre a Amazônia: a Amazônia mítica é substituída pela Amazônia abandonada e esquecida pelo Brasil.

Após imagens de homens trabalhando, amolando machadinhas em uma casa com teto de palha e chão de terra, há uma entrevista com um trabalhador, sobre a qual discutiremos no próximo subcapítulo. Nela, o trabalhador expõe quanto à sua mobilidade espacial vinculada à mobilidade no trabalho, narrando que migrou do Pará ao Amazonas, e se empregava onde havia terras para trabalhar, apontando uma economia agrícola, extrativista e de criação de animais, primária e de subsistência, além da cultura. Ela finaliza com um homem que improvisa uma claquete ao bater palmas e se abaixar rapidamente, ou a próprias condições rústicas daquele povo, sem os equipamentos, apenas com a força braçal.

Em 3 min e 24 s são apresentadas imagens de trabalhadores descalços, sem camisa com enxadas indo trabalhar no roçado, em um terreno acidentado, outros

serrando manualmente madeira, outros na plantação, com ferramentas rústicas e descalços.

A trilha fica mais pesada e as imagens: acompanham um senhor caminhando com pressa perfurando o solo com uma plantadeira manual rústica (tipo tico-tico) que deposita a semente no solo arado; campos verdes com plantio agrícola; o rio como via, com duas pessoas remando numa canoa; uma pequena casa à beira rio; as margens de terra erodidas pela água sustentando a floresta ao fundo.

A seguir, no Quadro 4, nova narrativa:

Quadro 4 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 05 min 12s ~ 05 min 38s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“Viemos de longe do sertão do Ceará, tangidos pela seca, buscando na selva riqueza para nossa fome, a esperança estava nas árvores que os índios Kambeba haviam descoberto. Nas grandes árvores perdidas que sangravam uma estranha mistura, árvore seringa que dava o ouro branco, ouro sonho, ouro negro, ouro elástico, era o Ciclo da Borracha!”</p> <p>(05 min 12s ~ 05 min 38s)</p>	<p><b>Geografia Econômica</b> (Espaço privilegiado e Fluxos de migração)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual fator econômico causou fluxos migratórios da região nordeste para a região norte?</li> <li>• O que é extrativismo?</li> <li>• Quais eram as condições de trabalho dos seringueiros?</li> </ul> <p><b>Elaborar um painel com imagens do período econômico da borracha, mostrando o funcionamento do extrativismo.</b></p>

Durante esse comentário do narrador, a imagem mostrada é a de um seringueiro extraíndo látex (05min 14 s), fazendo cortes na seringueira e captando a seiva em pequenos potes, fazendo a mistura com as mãos nuas. Depois, fervendo a borracha em grandes toneis escurecidos pela fumaça, em cima da brasa, enquanto dois trabalhadores - sempre sem camisa -, à espera do látex nos toneis, a borracha borbulhando no fogo. Imagens dos processos pelos quais o látex passava, o maquinário no acampamento precário, na floresta (5 min 39 s).

As imagens que seguem apresentam o beneficiamento fabril da borracha, mostra um trabalhador ainda sem camisa e descalço puxando uma peça de borracha que sai da prensa (Figura 9).

Figura 5 - Trabalhador manuseia peles de borracha processadas



Fonte: *Amazonas, Amazonas* – Fotograma em 6 min e 10 s

Numa possível segunda parte do filme, as imagens são da cúpula do Teatro Amazonas por dentro, e o grande lustre, os adornos das colunas com os nomes e imagens de compositores clássicos. A tonalidade da iluminação deixa um ar sombrio de meia luz, as cadeiras da plateia vazias. A trilha sonora fica mais branda com tom de suspense (6 min 37 s ~ 07 min 35 s).

Na sequência, ouve-se o narrador:

A ambição que gerou a conquista, a conquista que gerou o extrativismo, onde os caudilhos fixaram suas leis homicidas, o extrativismo que gerou a súbita fortuna de aventureiros dos quatro cantos. Era o El Dourado, o esplendor de uma selvagem nobreza dos trópicos, cujos cenários e costumes foram importados de Inglaterra, França e Itália (NARRAÇÃO 06 min 59 s ~ 7 min 27 s).

Nessa narração um tom de crítica ao afã dos chamados conquistadores está presente embora sem mencionar os povos indígenas como objeto de genocídios, apenas induzindo sob a adjetivação de “leis homicidas”, que podem ser aplicadas também aos seringueiros usados para o enriquecimento das elites europeias e as que aqui foram forjadas.

Em seguida, a narrativa ressaltada no Quadro 5, aponta consequências nefastas da exploração predatória que levou ao declínio da hegemonia da borracha como principal atividade econômica na Amazônia, e suas consequências sociais:

Quadro 5- Proposta de estudo sobre a narrativa em 07 min 38s ~ 08 min 11s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“A borracha do Amazonas dominou o mercado mundial no encontro do século XIX com século XX. Os ingleses, porém, transportando mudas da seringa para jardins botânicos de Londres, recriaram o produto na Ásia, começaram uma concorrência fatal. Queda dos preços, do consumo, conseqüente queda da exploração, queda dos reinos, desespero das ambições, o orgulho ofendido, falências. A falta de planejamento encerrava mais um ciclo econômico do Brasil passado”.</p> <p>(07 min 38s ~ 08 min 11s)</p>	<p><b>História e Geografia econômicas</b> Análise histórica da Economia do Amazonas no final do séc. XIX e início do séc. XX.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais conteúdo do ensino da Geografia suscita essa narrativa?</li> <li>• Como era a economia da região Amazônica na metade do séc. XX?</li> <li>• Como ocorreu a decadência do ciclo da borracha no Estado do Amazonas?</li> </ul> <p><b>Elaborar exercício no qual os alunos criarão uma pequena linha do tempo, de tópicos, mostrando pontos importantes do início ao fim da economia da borracha no Amazonas</b></p>

Durante a narração desses dois comentários acima reproduzidos (fora e dentro do quadro 5), as imagens mostram a plateia do teatro e de grandes casarões e monumentos originários das riquezas da borracha, em maioria abandonados e corroídos pelo tempo. Em 07 min 36 s ~ 8 min 10 s vê-se a imagem de um casarão, com a pintura gasta, e de outros casarões abandonados com suas janelas quebradas.

Figura 6 - Casa abandonada, tomada por plantas daninhas



Fonte: *Amazonas, Amazonas* - Fotograma em minutos 8 min e 11s

O que poderia ser considerada como a terceira parte do filme consistiu em mostrar imagens aéreas de Manaus da época. A trilha passa ser acordes de viola e a narração passa de histórica do passado para os dias contemporâneos.

Manaus de hoje, Manaus da memória da borracha, porto ao norte, limite doutras Amazônia, Manaus que ressurgiu mais lenta e realista. Manaus à espera que o Amazonas seja incorporado ao Brasil, não como uma peça acessória, mas como agente de nosso processo econômico (NARRAÇÃO 08 min 21 s ~ 08 min 43 s).

As imagens passam a ser uma casa, abandonada, com ervas nascendo entre o telhado e a parede (Fig. 10), sem janelas (08 min 11 s). A trilha sonora muda para toques de viola. Panorama aéreo do centro de Manaus, o Teatro Amazonas. Os telhados de barro das antigas casas, quase todas com mesmo tom, como se fossem a mesma casa. Uma placa de Bem-Vindo a Manaus em vários idiomas no centro da cidade (8 min 21 ~ 08 min 44 s).

Antigos ônibus são mostrados, sem janelas, embarcando e desembarcando passageiros, com nomes e emblemas de empresas, kombis de lotação, cavalos e carroças, ladeiras, casas de alvenaria e de madeira coloridas como as das margens do rio, avenidas com poucos carros, bulevares (08 min 45 s ~ 09 min 45 s). Da configuração e do cotidiano da cidade, passa ao porto de Manaus. Imagens do embarque de produtos (09 min 46 s ~ 10 min 06 s). A narrativa seguinte (Quadro 6) ressalta atividades econômicas daquela contemporaneidade, como a agricultura, o extrativismo vegetal madeireiro e não, além da extração do subsolo, com ênfase nacionalista.

Quadro 6 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 07 min 38s ~ 08 min 11s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“A juta, a madeira, o guaraná, a borracha, eis as principais culturas de hoje. A exportação, porém, é mínima diante do que existe no solo Amazônico: manganês, carvão, ouro, petróleo, minerais atômicos e outros patrimônios ameaçados de exploração estrangeira”.</p> <p>(09 min 46 s ~ 10 min 06 s)</p>	<p><b>Geografia Econômica</b> (Modelo Econômico do Amazonas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a base econômica do Estado do Amazonas?</li> <li>• Quais principais produtos agrícolas existentes no Amazonas?</li> <li>• Como a indústria modificou a dinâmica econômica do Amazonas?</li> <li>• <b>Elaborar um seminário e dividir a sala grupos que escolherão um produto econômico da região e irão abordar sobre ele.</b></li> </ul>

Segundo essa visão, pode-se inferir que o estado do Amazonas passa por um marasmo e estagnação econômica, apesar de ter grande potencial econômico a ser explorado pelo e para o povo da região

Figura 7 - Pacotes de juta sendo transportados no porto



Fonte: *Amazonas, Amazonas* - Fotograma em 9 min e 59s

. Outro aspecto econômico destacado, é o beneficiamento de produtos agrícolas e a rusticidade do manejo dos produtos para a comercialização: imagens de tratores e caminhões sendo usados para transportar fardos de juta (Fig. 11) no porto fluvial e dezenas de cachos de banana no chão, imagem de um trabalhador carregando vários cachos de banana nas costas (10 min 07 s ~ 10 min 44 s). Segue-se uma narrativa, que fortalece esse aspecto.

Mas enquanto se pensa no futuro, a realidade do presente nos faz pensar no mais remoto passado. Um estilo de trabalho que no dizer do professor Arthur Reis, faz da Amazônia a região mais subdesenvolvida do país (NARRAÇÃO: 10 min 27 s ~ 10 min 44 s).

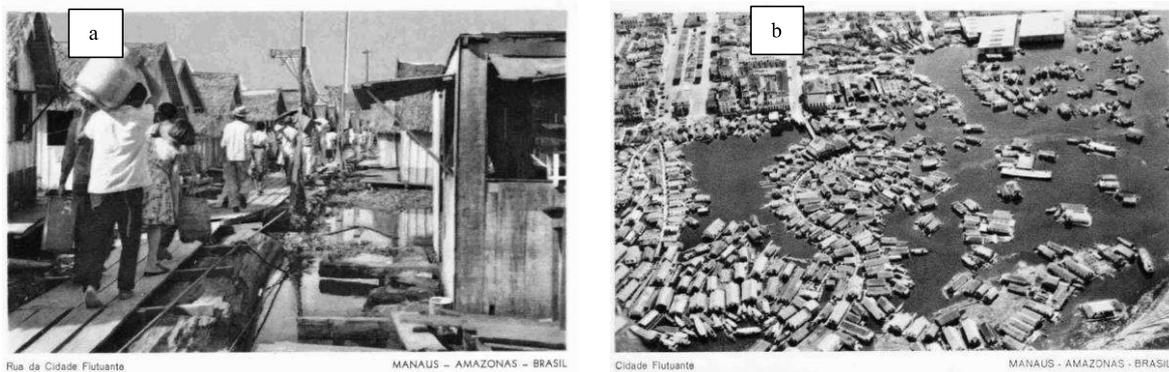
Outras imagens são de barracas de frutas e legumes de diversas cores, o emaranhado de barracas, caixotes e papelão com produtos, inúmeras pessoas e animais. Imagens de dentro de um barco, casas à beira de uma encosta (10 min 45 s ~ 12 min 14 s).

Retornamos à viagem, foi difícil vencer tudo isso, fazer colonos portugueses, cruzarem com esses índios vencidos, forjar a nova raça, lutar contra o impaludismo, a verminose, conquistar os barrancos devastados pela força do rio instável. Parintins, Itacoatiara, Manacapuru, Cacau Pereira, estranhos nomes que abrigam gente, prisioneira dos grandes distantes desconhecidos (NARRAÇÃO 10 min 10 s ~ 11 min 43 s).

Novamente o narrador passa a ideia de atraso econômico e social, infunde a ideia que a população do interior do Amazonas é, de alguma forma, prisioneira das suas condições e dificilmente lembrada, possivelmente, devido os “grandes distantes desconhecidos”.

Vê-se imagens de mulheres lavando roupas, tomando banho, barcos atracados, tudo às margens do Rio Negro, ao fundo a Cidade Flutuante (11 min 45 s). As imagens do filme podem ser complementadas com o estudo de fotografias da época como as seguintes (Fig. 12 a e b). A visão transmitida no filme concorda com a análise de Miranda Corrêa (1964 p. 28-29). Segundo ele, a cidade flutuante constituía-se em “uma das manchas mais importantes no conjunto arquitetural de Manaus [...] uma verdadeira obra da engenharia primitiva é realizada, unindo casas com tábuas, fazendo pontes, varanda e alpendres”.

Figuras 8 a e b - Fotos da Cidade Flutuante situada na frente de Manaus



Fonte: Coleção de postais produzidos pela empresa A Favorita

O conteúdo da narrativa seguinte (Quadro 7), retoma a ideia de atraso e ao mesmo tempo de uma crítica sutil quanto às condições quanto a precariedade das condições sociais em que vive a população, provavelmente reforçando a ideia de que as potencialidades naturais precisam ser exploradas, como fora mencionado na narrativa imediatamente anterior.

Quadro 7 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 11 min 52 s ~ 12 min 15 s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“Dos grandes distantes demais para 800 mil pessoas que ainda vivem da mais rude agricultura, da pesca, do diluído artesanato indígena, apenas de uma vontade inconsciente de sobreviver, população que necessita de condições humanas de cultura, moradia, saúde”.</p> <p>(11 min 52 s ~ 12 min 15 s)</p>	<p><b>Geografia Humana</b> (Moradia no rural e no urbano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir essa afirmativa.</li> <li>• Qual a importância da moradia para sociedade humana?</li> <li>• O que mudou depois da extinção da Cidade Flutuante?</li> </ul> <p><b>Com base nas imagens apresentadas no filme, realizar um estudo de campo ou digital, em jornais ou telejornais sobre a problemática da moradia</b></p>

Segundo essa narrativa, há um contexto contínuo, de exploração da miséria e do atraso. Algumas questões culturais são transmitidas como se fossem próprias do chamado subdesenvolvimento, provavelmente fora do contexto civilizatório. A cultura das 800 mil pessoas mencionadas, assim como, as condições de moradia e saúde, seriam ausentes.

Quadro 8 - Proposta de estudo sobre o fotograma em 11 min e 10 s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>Figura 9 – Encosta com erosões</p>  <p>Fonte: <i>Amazonas, Amazonas</i>, fotograma em 11 min 10s)</p>	<p><b>Geografia Física</b> (Terras Caídas, erosão fluvial, movimentos de massa)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é o fenômeno de terras caídas?</li> <li>• Como o regime hidrológico dos rios influenciam nas terras caídas?</li> <li>• O fenômeno de terras caídas tem influência no assessoramento dos rios?</li> </ul> <p><b>Elaborar uma pequena maquete, utilizando, uma bacia, com areia e água e demonstrar um processo erosivo.</b></p>

Em plano aberto são mostradas imagens de encostas e de pessoas sentadas em bancos de madeira embaixo das árvores, jogando bola em campos de terra, pequenas canoas atracadas na encosta, bois pastando às margens do rio (12 min 16 s ~ 13 min 28 s).

Porque apesar de ser chamada de região maldita, o Amazonas reage diante de todos aqueles que ficaram perplexos diante desse desencontro de uma riqueza com seu tempo, de todos aqueles que aprenderam a amar esse Amazonas real, sem fantasmas, Amazonas esquecido, mas vivo como a força transformadora do seu rio (NARRAÇÃO 13:04 ~ 13:26).

Em muitos dos trechos da narrativa é possível encontrar pontos que apontam a frustração da elite local, com o discurso de abandono e esquecimento econômico, e enredos da obra de Rangel, “Inferno”, “Maldita”, o narrador finaliza com a analogia da “força transformadora do seu rio”, que possivelmente, possa ter interpretado simbólica com o povo ou a elite que segue lutando para dar notoriedade ao Amazonas.

A trilha sonora muda novamente para um tom de suspense. Imagens de palafitas aglomeradas, já distante das margens do rio provocada pela vazante, uma faixa de areia, com caminhões estacionados esperando a carga, um morador em sua residência deitado

na rede. A narração reinicia conforme (Quadro 9). Imagens aéreas de uma fábrica, uma longa estrada na selva, do rio (14 min 10 s).

Quadro 9 - Proposta de estudo sobre a narrativa em 13 min 59s ~ 14 min 25s

TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDO NA GEOGRAFIA E CONTEÚDO ENUNCIADO	SUGESTÃO PARA ESTUDO
<p>“Dos teus vários outros, dos teus múltiplos rios, dos teus negros meandros na selva, pelo teu universo pelo o que o homem enfrenta para conquistar e dele se prover e dele viver e que só a teu homem deve pertencer. De tudo isto, Amazonas te fazes canto e símbolo do novo mundo”.</p> <p>(13 min 59s ~ 14 min 25s)</p>	<p>Geografia Cultural Natureza e Cultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a relação entre natureza e cultura no Amazonas?</li> <li>• Como a dinâmica da floresta e rios influenciam na vida do morador do Amazonas?</li> </ul> <p><b>Elaborar um exercício no qual os alunos trarão um objeto ou imagem que seja típica do Amazonas e debater sobre cada um em sala.</b></p>

Com uma trilha sonora mais alta e tensa, o filme finaliza com uma ficha de agradecimentos (14 min 42 s).

Com base nessa descrição e análise do vídeo, pôde-se identificar que ele aponta as mudanças de visão ou de interpretações sobre o Amazonas e seu povo, mudanças que estão relacionados com o contexto econômico da região. No início do século XX, o Amazonas passou por um período de decadência econômica e isolamento em relação aos outros estados do Brasil. As relações sociais e econômicas construídas na região eram provenientes da economia gomífera, o declínio da produção acarretou uma crise nessa cadeia de relações na região Amazônica. Para superar a crise herdada da borracha, ocorreram consecutivas tentativas de recuperação econômica. A partir de 1967, é criado o Polo Industrial de Manaus, que representa um modelo econômico de base industrial com benefícios fiscais a fim de incentivar a chegada de novas empresas e impulsionar a economia da região.

Nos seus menos de 15 minutos, o filme de Glauber Rocha, mostra que o Amazonas foi exposto - e de certa forma veiculada externamente - como uma região a ser explorada economicamente, sobretudo com a mudança de ciclo econômico da região. O termo *Zona Franca* é um convite “apelativo”, de certo modo. Mas a representação social não foi mostrada como um elemento importante no filme. Se por um lado atrair pessoas à Amazônia era o objetivo, esqueceram que já havia pessoas ali,

e elas passam dificuldades econômicas e sociais devido os contrastes/desigualdades do governo.

#### 4.2 - A entrevista como destaque para a dinâmica dos deslocamentos populacionais

A análise dos aspectos populacionais, sociais ou econômicos explicitados no documentário estudado, aponta elementos muito próprios da disciplina Geografia como ensinada no ensino básico. Além disso, falar do meio, o tempo e relações sociais na Amazônia, são fundamentos geográficos, ao mesmo tempo que interdisciplinares. Isto é, o professor pode partir da narrativa presente para contribuir para que os discentes entendam o contexto da Amazônia apresentado no documentário. No trecho do filme, durante (2 minutos e 57 segundos), consta uma entrevista feita pelo diretor, com um trabalhador, num ambiente rural, típico de área sendo aberta para a exploração, com o solo exposto após desmatamento (Figuras 14 e 15).

Figura 10 - Terreno desmatado e com solo exposto



Fonte: *Amazonas, Amazonas*, fotograma em 3 min e 37s

Figura 11 – Trabalhadores realizando atividades na encosta desmatada



Fonte: *Amazonas, Amazonas*, fotograma em 3 min e 28s

Tendo imagens como essas acima, em segundo plano, a entrevista é reproduzida, mas é iniciada com a imagem dos dois interlocutores (Fig. 16).

Figura 12 - Fotograma do início da entrevista



Fonte: *Amazonas, Amazonas*, fotograma em 2 min e 57s

Em primeiro plano, o diretor Glauber Rocha à esquerda e o trabalhador entrevistado, à direita. Para Bizarria (2007 p. 77), essa entrevista é a primeira em que aparece a fala de um habitante da região. São apenas duas perguntas, com respostas longas e dadas quase que em um só fôlego, numa sequência frenética, tendo o entrevistado respondido sua autobiografia nos 10 anos anteriores, ancorada nas suas atividades como trabalhador. A seguir, a transcrição da entrevista.

Entrevistador, em off (voz de Glauber Rocha):

- O senhor veio de onde? -

Trabalhador:

- Do Estado do Pará, de Castanhal, estrada de ferro de Bragança em 1956. Vim na companhia do Dr. Rui para trabalhar na estrada de Manaus – Itacoatiara. Não deu certo e eu voltei pra Manaus. Estive empregado na Usina Vitoria, trabalhei uma porção de tempo na Usina Vitoria; na refinaria. Trabalhei em Caracaraí. Trabalhei em Porto Velho. Trabalhei em Alto Rio Negro, no Rio Aracá tirando Piaçaba, com o Seu (Inaudível), com Dr. Ruizo desembargador. De lá vim pra Manaus, tornei e me empregar de novo. Tornei a trabalhar nessa estrada de Manaus – Itacoatiara, até terminar. Fui cortar Juta em Manacapuru. Tornei a trabalhar nessas estradas por aqui. Agora estou aqui nesse terreno do Seu Pedro.

Entrevistador, em off (voz de Glauber Rocha):

- E vai voltar?

Trabalhador:

- Estou com vontade de voltar para Caracaraí, agora fim desse mês aqui, que nós tamos agora. Se der certo em Caracaraí, eu fico. Se num der eu vou a Belém, porque meus irmãos chegaram agora aqui e eu sou o mais velho dos homens. Nós somos 9 herdeiros. O caso é que meu pai deixou dois terrenos pra nós e eu sou o irmão mais velho, eles querem minha assinatura pra vender os terrenos. Porque os terrenos não dá mais lavoura por aqui, i boa. Dá! só se for pra adubar terra, pra plantar pimenta do reino. Eles tão com vontade de vender para um japonês lá, por 2 milhões... por 3, e querem minha assinatura, pois sem minha assinatura eles não vendem.

Aqui não fico porque o senhor tá vendo, dá um carvãozinho desse. Se planta uma coisa, não dá! E outra é que não tenho terra pra mim mesmo, né? Se eu tivesse um terreno meu, assim, qualquer coisa, porque eu nasci e me criei nesse serviço de roçado, plantar maniva. pra fazer farinha. tudo isso eu sei fazer.

Voz de Glauber Rocha):

- Corta!

A ênfase no processo migratório indica a possibilidade de se fazerem reflexões sobre essa temática tão aguda e presente atualmente, mais de 50 anos depois da realização desse documentário. Nos estudos demográficos, da Geografia e demais ciências humanas e sociais, não há um consenso quanto ao conceito de migração, posto que para a Organização das Nações Unidas – ONU, migração consiste em “uma forma

de mobilidade espacial entre uma unidade geográfica e outra, envolvendo mudança permanente de residência”. Mas os estudiosos sobre a temática avaliam que esse entendimento exclui as diversas formas de deslocamentos entre fronteiras administrativas, ou mesmo internamente, em que os sujeitos praticam intensa mobilidade, mesmo sem a fixação definitiva de residência nesses percursos (RENNER e PATARRA, 1980 p. 237). Para os estudiosos do tema, importam também outros aspectos como: a finalidade dos deslocamentos, a trajetória dos sujeitos na mobilidade espacial, ademais das motivações.

No trecho do filme, a identidade do entrevistado - como trabalhador - se dilui diante das demandas pelo seu trabalho, tornando-o como se fora um *peão*, girando sem paradeiro, conforme as demandas feitas pelo capital que o impulsiona num zig zag de percursos, de trajetos. A essa categoria de trabalhadores se convencionou chamar de “peão de/do trecho”. Condição essa que relembra o que autores clássicos da economia e da sociologia rural ao estudarem os camponeses, consideram-nos como “trabalhador para o capital” (WANDERLEY, 1985). Devido ao cursivo da entrevista, apresentamos propostas de estudos das temáticas suscitadas nas respostas do entrevistado. Primeiro, no Quadro 10, quanto ao aspecto geral da dinâmica de mobilidade do entrevistado.

Quadro 10 – Sugestão de estudos sobre Dinâmica da Mobilidade da Região Norte

TEMÁTICA DO TRECHO DO FILME	ÁREA DE ESTUDOS NA GEOGRAFIA	SUGESTÃO DE ESTUDO
A sequência de trajetos no interior da Amazônia remete ao que se convencionou chamar Peão de Trecho	<b>Geografia da População</b>	<p>Discutir a dinâmica da mobilidade espacial, segundo a experiência dos próprios alunos, a trajetória de seus antecedentes e da sua própria, podendo-se elaborar uma linha tempo-espacial de suas vidas.</p> <p>Como apoio, analisar a canção Peão de Trecho:</p> <p><b>Peão de Trecho</b>  José Geraldo  (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=LDLRnCBpp8s">https://www.youtube.com/watch?v=LDLRnCBpp8s</a>)  <i>Pode deixar mulher que eu levanto cedo e vou fazer o café</i>  <i>Levo procê na cama/ eu já tô no pé</i>  <i>O dia chega, / eu me mexo</i>  <i>eu vou cair no trecho/e rodo enquanto der</i>  <i>Nosso destino aponta pra onde Deus quer</i>  [...]  <i>Quantas noites e nós por ai</i>  <i>trafegando pela marginal</i>  <i>Sem largar o corrimão da estrada</i>  <i>Uma parte do mundo é nossa morada</i>  <i>A outra parte é nosso quintal</i></p> <p>Ver também <b>MARTINS e VANALI</b> (2001)</p>

A seguir, de forma sintética (Quadro 11), apresentamos alguns temas que podem ser desenvolvidos a partir do depoimento do entrevistado.

Quadro 11 - Sugestões de estudo por temas abordados na entrevista

TEMÁTICA DO TRECHO DO FILME	ÁREA GEOGRÁFICA E CONTEÚDO	SUGESTÃO DE TEMÁTICAS E DE BIBLIOGRAFIAS PARA ESTUDO
“Do Estado do Pará, de Castanhal, estrada de ferro de Bragança em 1956. Vim na companhia do Dr. Rui para trabalhar na estrada de Manaus – Itacoatiara. [...] Trabalhei em Caracará [...] Tornei a trabalhar nessa estrada de Manaus – Itacoatiara, até terminar”.	Formação Territorial	As rodovias e ferrovias construídas e em construção nessa época: localizá-las num mapa da Amazônia. Discuti-las no contexto do desenvolvimentismo iniciado por Getúlio Vargas, assim como o seu papel para o avanço da ocupação populacional da região (OLIVEIRA, 1983)
“Trabalhei em Alto Rio Negro, no Rio Aracá tirando Piaçaba, com o Seu (Inaudível), com Dr. Ruizo desembargador”.	Geografia Humana da Amazônia	O Extrativismo vegetal, as relações de trabalho nesse tipo de atividade. Os usos e destino da piaçava (MENEZES, 2012).
“Fui cortar Juta em Manacapuru”	Geografia Agrária e da População	A introdução da Juta pelos Japoneses na década de 1930 Imigração japonesa para o Amazonas (HOMMA <i>et al.</i> , 2011)
Estive empregado na Usina Vitoria, trabalhei uma porção de tempo na Usina Vitoria; na refinaria	Geografia Econômica	Indústria de beneficiamento de produtos extrativos (Castanha do Brasil, no caso), de proprietário da empresa I.B.Sabbá, assim como a refinaria de petróleo (BENCHIMOL, 1998; SALGADO e SALGADO, 2010).
“Aqui não fico porque o senhor tá vendo, dá um carvãozinho desse. Se planta uma coisa, não dá! E outra é que não tenho terra pra mim mesmo, né? Se eu tivesse um terreno meu, assim, qualquer coisa, porque eu nasci e me criei nesse serviço de roçado, plantar maniva. pra fazer farinha. tudo isso eu sei fazer”.	Geografia Agrária	A estrutura agrária, o acesso à terra, a política agrícola referida a acesso a crédito, à viabilidade de produção considerada sustentável (OLIVEIRA, 1990 e 2001).

O documentário de Glauber Rocha, *Amazonas, Amazonas*, explora uma ampla diversidade de conhecimentos que podem ser debatidos por meio de ações pedagógicas em sala de aula. O simples ato de exibir um filme não é capaz de gerar conhecimento expressivo, é imperativo que o professor explore o conteúdo e seja mediador deste artifício, investigando atividades e levando o aluno a assimilar as informações, relacionadas ao conteúdo.

Por fim, procuramos mostrar que o ensino de Geografia quando associado ao Cinema, são capazes de proporcionar diversos questionamentos e fornecer materiais necessários para elaboração de planos de aula e atividade didáticas para o ensino de Geografia em sala de aula. A utilização do filme voltada para o ensino promove um maior envolvimento do aluno com seus objetos de estudo. O filme desperta outras visões sobre o tema explanado na aula, confirmando o seu papel de elemento provocador do conhecimento e de percepções diferenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos esses aspectos, abordados, podemos demonstrar algumas considerações relevantes sobre o tema. É pertinente ressaltar que o estudo pautado no documentário do Glauber Rocha, *Amazonas, Amazonas*, apesar de ser uma temática já explorada, nos permite compreender aspectos populacionais do Amazonas na década de 1960 e sua adoção como recurso metodológico capazes de provocar no aluno a disposição de dialogar com o documentário.

O documentário auxilia no aprendizado dos mais diversos conteúdos de Geografia e é uma forma de exercitar e desenvolver os mesmos, mas cabe ao professor aproximar o aluno do conteúdo no sentido de utilizar esse recurso didático como um meio para se chegar ao conhecimento. É preciso não permitir que o aluno encare a aula com um passatempo, há uma ampla temática que o documentário de Glauber proporciona e que pode tornar atrativa com sugestões didáticas da Geografia.

A partir do desenvolvimento das relações do Cinema e Geografia podemos abarcar discussões que, anteriormente, não eram realizadas com certa dinâmica pelo ensino de geografia. A aproximação audiovisual apresentou conteúdos que, até então, eram apenas imagens em livro para uma experiência mais realista em sala de aula.

A abordagem filmica em sala de aula, proporciona a construção do conhecimento de forma didática. Aproximando o aluno dos conteúdos, aguçando a percepção e compreensão do mundo em que vivemos. Suas transformações e contextos históricos, econômicos, culturais, sociais e naturais, são observáveis em tempo real pela ampla utilização de recursos tecnológicos

A utilização de tais recursos demonstra a criação de um âmbito mais informativo e diligente para o professor de Geografia, que buscam desenvolver noções e criar reflexões sociais para fortalecer e legitimar o ensino de Geografia. Essas preocupações são extremamente significativas já que resultam na produção de um conhecimento geográfico diferenciado.

*Amazonas, Amazonas* tem elementos curiosos que podem ser explorados, a paisagem, a narrativa, o som, o conceito de Amazônica como vimos construído, as relações de trabalho. Sem dúvidas, podem exercer reflexões que impulsionem a

curiosidade dos alunos. Sendo assim, a leitura das temáticas abordadas no filme, paisagem, população, Amazonas, atividades geográficas geram algumas conclusões tão importantes quanto interessantes.

Em primeiro lugar, esses conceitos se dividem em elementos que abrangem reflexões específicas. O mesmo filme pode ser analisado diversas vezes a partir da paisagem Geográfica, do contexto histórico e das relações sociais e econômicas, obter outros diversos conteúdos para serem usados em sala de aula, conteúdos interdisciplinares. É importante salientar que os variados conteúdos podem ser explorados por diversas atividades lúdicas e pedagógicas e são livres e estão à disposição da criatividade do professor e do aluno.

O documentário *Amazonas, Amazonas* viabiliza experiências e curiosidades sólidas vividas em um contexto social peculiar do Amazonas, remeter o resgate da memória de um tempo passado, quando pensado na ótica do cinema, fascinante, para o presente atual.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Kassiane Nascimento da Silva. **Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865 – 1866)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2013.
- ALCÂNTARA, Jean Carlos Dourado de. **Curta-metragem: gênero discursivo propiciador de práticas multiletradas**. Dissertação (Mestrado em Linguagem) Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2014.
- ALVIM, Luíza Beatriz A. M. Amazonas, Amazonas de Glauber Rocha e a música de Villa-Lobos: entre mitos e sua desconstrução, entre passado, presente e futuro. XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. **Anais[...]** Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.
- BAZIN, André. **O Cinema: Ensaios**. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro. Editora Brasiliense. 1958.
- BENCHIMOL, Samuel, **Eretz Amazônia – Os judeus na Amazônia**. Manaus: Valer, 1998.
- BIZARRIA, Fernanda. **A construção das identidades no documentário: os povos amazônicos no cinema**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.
- BONETH, Jonilde Freitas. **Geografia em sala de aula: O uso de recursos audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem**. Monografia (Curso de Licenciatura em Geografia) Universidade do Estado do Amazonas. Manaus 2016.
- BUENO, Rodrigo Poreli Moura. **Tempo de devir em convulsão: dimensões da história no cinema de Glauber Rocha (1964 - 1969)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista. Assis, 2010.
- CARDOSO, Maurício. Uma nova estética e um novo cinema. **Revista Cult**. 09 de mar. 2011. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-nova-estetica-e-um-novo-cinema/> >. Acesso em: 24 de out. 2019.
- CINEMATECA BRASILEIRA. **Glauber Rocha**. Banco de Conteúdos Culturais. 18 de dez. 2018. Disponível em < <http://www.bcc.org.br/colecoes/glauberrocha> >. Acessado em 27 de out. 2019.
- CONY, Carlos Heitor. Pensata. **Folha de São Paulo**. 17 fev. 2004. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u139.shtml> >. Acessado em: 30 de out. 2019.
- COSTA, Selda Vale da, LOBO, Narciso Júlio Freire. **No rastro de Silvino Santos**. Manaus: Ed. Superintendência Cultural do Amazonas, 1987
- COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das Ilusões. Cinema & Sociedade: Manaus (1897/1935)**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.
- DUARTE, Durango Martins. **A Sétima Arte em Manaus**. 1. ed. Manaus: DDC Comunicações Ltda, 2017.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- EMBRAFILME. Exposição Glauber por Glauber: mostra completa de Glauber Rocha como ele a desejou. Filmes, exposição, livro, vídeo. **Catálogo**, 1985.

EMBRAFILME. Exposição Glauber por Glauber: mostra completa de Glauber Rocha como ele a desejou. Filmes, exposição, livro, vídeo. **Catálogo**, 1985.

FIGURELLI, Roberto Capparelli. Cinema, a sétima arte. In: **Revista Eletrônica de Extensão – Extensio**, vol. 10, n. 15, 2013. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p110> >. Acessado em: 01 de out. 2019.

FIORAVANTE, K. Aguiar; FERREIRA, L. F. Gonçalves. Ensino de Geografia e Cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 6, n. 12. 2016.

FRANCO JR., Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRESSATO, Soleni Biscouto, NÓVOA, Jorge. Barravento: dicotomias da cultura popular religiosa afrodescendente no cinema de Glauber Rocha, In: **Revista Porto**, n. 1, 2011. Pag. 71.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

KREUTZ, Katia. **Cinema Novo**. AIC, Academia Internacional de Cinema. 17 de out. 2018. Disponível em: < <https://www.aicinema.com.br/cinema-novo/> >. Acessado em: 24 de out. de 2019.

KREUTZ, Katia. **O que é uma decupagem?** AIC, Academia Internacional de Cinema. 14 de mai. 2019. Disponível em < <https://www.aicinema.com.br/o-que-e-uma-decupagem/> >. Acessado em: 09 de nov. 2019.

LANGER, Johnni. O mito do Eldorado: Origem e Significado do Imaginário Sul-Americano (Século XVI). **Revista de História**. 136. FFLCH-USP, 1997. Pag. 32.

LOBO, Narciso J. Freire. **A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1994.

LOBO, Narciso J. Freire. **Iracema e a transa ideológica – Cadê a identidade? Arte e Delírio**. Manaus. 1987.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M.; **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Bruna Morante Lacerda. **O ensino da Geografia e a linguagem de cinema**. V Encontro Interdisciplinar, 2013.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes**. São Paulo: Contexto, 2001.

MENDONÇA, R. do N. **Amazônia de Glauber Rocha: uma análise do documentário Amazonas, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) –Universidade Federal do Amazonas, 2018.

MENEZES, Elieyd Sousa de. **Os “piaçabeiros” no médio rio Negro: identidades coletivas e conflitos territoriais**. Dissertação de Mestrada apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS) - Manaus:UFAM, 2012.

- MESSIAS, Michele Renata; BEZERRA, Josué Alencar. Cinema e Geografia: O filme como instrumento didático no ensino de Geografia. **Revista de Geografia**. V. 35, No 3. Recife, 2018. Pag. 333.
- MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **Ditadura Militar e Amazônia:** desenvolvimentismo e representações, legitimação política e autoritarismo nas décadas de 1960 e 1970. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2018.
- MIRANDA CORRÊA, Luiz de. **Manaus:** aspectos de sua arquitetura. (Ed. Fac-similada do original de 1964 – Coleção Documentos da Amazônia No. 9). Manaus: Secretaria da Cultura e Turismo, 2000.
- MONZANI, Josette. **Gênese de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”**. São Paulo: Annablume/FAPESP; Salvador: Centro de Estudos Bahianos da UFBA e Fundação Gregório de Mattos, 2005.
- NAPOLITANO Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo. Editora: Contexto. 2009.
- NATIVIDADE, Ana Claudia da. Curta-metragem e a experimentação da linguagem. Revista SescTV. 13 de mar. 2014. Disponível em: <  
[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7399\\_CURTAMETRAGEM+E+A+EXPERIMENTACAO+DA+LINGUAGEM](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7399_CURTAMETRAGEM+E+A+EXPERIMENTACAO+DA+LINGUAGEM)>. Acessado em: 10 de nov. 2019.
- NÉRICE, I. G. **Didática geral dinâmica**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico. **Revista Entre Lugar**. Dourados, v. 01. 2010. Pag. 136.
- OLIVEIRA, Adélia E. de. Ocupação Umana. In SALATI, E; JUNK, Wolfgang; SCHUBART, Herbert; OLIVEIRA, A. E. Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1993. Pp. 144-327.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. Agricultura camponesa no Brasil. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. Amazônia. Monopólio, expropriação e conflitos. Campinas: Papyrus, 1990.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920 a 1967:** A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado/ EDUA, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Francisca Silva de. **Geografia e Poesia:** Um diálogo possível na construção de novas metodologias de ensino de Geografia Escolar. Dissertação (Mestrado em Geografia) João Pessoa. 2012.
- PACHECO, Alexandre. Como governei o Amazonas: a ética do literato e historiador Arthur Cezar Reis diante do poder (1964-1967). In: XXV. Simpósio Nacional de História. **Anais**. – Fortaleza, 2009.
- PÁSCOA, Luciane Viana Barros. Ecos do Modernismo: o Clube da Madrugada e as artes visuais. **Revista Amazônia Moderna**. V.1, n. 1. Palmas, 2017. Pag. 47.
- PEREIRA, Luiz Antônio. S.; SILVEIRA, Higino. Os filmes, documentários e desenhos e o ensino da Geografia. In: **Anais**. 10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Porto Alegre: ENPEG. 2009.
- PIERRE, Sylvie. **Glauber Rocha**. Campinas: Papyrus, 1996.

- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. In. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. Pag. 265.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Ed. Perspectiva. 2000.
- RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luís Felipe. **Enciclopédia do cinema brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2000.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas**. 6ª edição. Manaus: Editora Valer, 2008
- RENNER, Cecília; PATARRA, Neide. Migrações. In SANTOS, Jair, LEVY, Maria Stella e SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). **Dinâmica da População - teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo, T. A Queiroz, 1980. Pp. 236-260
- ROCHA, Glauber. **Revolução no Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981.
- RUARO, Giovana Bigarella. **Sade**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2007
- SALGADO, Elias e SALGADO, David. **Judeus Da Amazônia – 200 Anos De Um Judaísmo Singular – Disponível em**  
[https://www.academia.edu/33156550/200\\_ANOS\\_DA\\_PRESEN%C3%87A\\_JUDAICA\\_NA\\_AMAZ%C3%94NIA.doc?auto=download](https://www.academia.edu/33156550/200_ANOS_DA_PRESEN%C3%87A_JUDAICA_NA_AMAZ%C3%94NIA.doc?auto=download)
- SALGADO, Roberta Camila. **Manaus 1965: da floresta e das águas**. Manaus: Governo do Estado/Secretaria de Cultura, 2009.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Cortez. 2000.
- SILVA JUNIOR, Humberto Alves. **A estética sociológica de Glauber Rocha**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.
- SORANZ GONÇALVES, Gustavo. **Território imaginado: imagens da Amazônia no cinema**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2009.
- SOUZA, Márcio. **O mostrador de sombras: notas sobre a arte do cinema**. Manaus: UBE/Editora Sérgio Cardoso, 1967.
- STOCO, Sávio Luis. **No rastro do rastro: ensaios sobre o filme No Rastro do Eldorado de Silvino Santos**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Universidade Estadual de Campinas, SP. 2014.
- TUFIC, Jorge. **Clube da Madrugada: 30 anos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1984
- VACARIN, F. C.; SANTIN, C.; ZAMBONI, C.; NASCIMENTO, Ederson. O uso do cinema do ensino de Geografia: experiências do PIBID/Geografia/UFGS. In: III Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFGS, 2013, Chapecó. **Anais**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2013. v. 3.
- VIANNY, Alex. **O processo do cinema novo**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

WANDERLEY, M. de Nazaré B. T. **Camponês**: um trabalhador para o capital.  
Cadernos de Ciência e Tecnologia - Vol. 02, n.1 - jan./abr. (1985)